



OS 144000

**Quem Serão os Membros
desse Ilustre Grupo?**

Os 144 000

**Quem Serão os Membros
desse Ilustre Grupo?**

F.T. Wright

Ilustração da capa:

Os cento e quarenta e quatro mil elevar-se-ão aos mais altos níveis da perfeição mental e espiritual jamais experimentada por outros mortais para além de Jesus Cristo. Como o ouro e a prata saem do fogo purificador cintilando de imaculada pureza e perfeição, assim os membros deste ilustre grupo serão purificados na fornalha do sofrimento. Conhecerão a angústia da total rejeição daqueles a quem procuraram trazer salvação, a amargura do ódio humano, o esmagador impacto da traição daqueles em quem sentiam poder confiar, a indizível agonia de se sentirem completamente separados e esquecidos por Deus, e o inexprimível desespero com que todos os oprimirão, enquanto a obra do Senhor parece falhar. Terão que suportar fadiga, fome e espera.

O teste parecerá muito duro para eles suportarem, mas o olho do Senhor estará sobre o Seu povo, e fá-lo-á mais do que conquistador para brilhar eternamente no Seu reino.

Título original em Inglês:
The 144 000
(Edição em Português)

Publicadores:
Igreja dos Advento do Repouso do Sábado

Índice

Índice	5
As Especificações	6
Contradições Aparentes	17
O Selo e o Santuário	31
O Anjo do Selamento	41
Um Número Literal ou Simbólico	46

Capítulo 1

As Especificações

O assunto dos cento e quarenta e quatro mil tem sido de interesse peculiar para o povo adventista desde que apareceu como igreja. Isto é compreensível uma vez que os cento e quarenta e quatro mil são aqueles que vivem até à vinda de Jesus e na realidade tornam a Sua vinda possível. Uma vez que o verdadeiro adventismo está muito ansioso por finalizar a obra do evangelho na Terra, é essencial que o propósito e identidade dos cento e quarenta e quatro mil sejam tornados claros. Este artigo tratará mais da identidade deste grupo do povo de Deus dos últimos dias e apenas um pouco da sua obra. A sua obra foi já explicada no livro, *The Seven Angels*, ao dispor na Casa Publicadora da Igreja do Repouso do Sábado.

É comum, quando se estuda um assunto da Bíblia, encontrar mais do que uma linha de pensamento que se apresenta como uma explicação. O tópico dos cento e quarenta e quatro mil não é excepção. Há, sem dúvida, vários pontos de vista acerca deste assunto, mas este artigo estará confinado a dois principais pontos de vista dentro da Igreja Adventista.

- Um diz que os cento e quarenta e quatro mil são constituídos por aqueles que morreram na fé da mensagem do terceiro anjo juntamente com aqueles que passam através do tempo da angústia de Jacó até ao fim e nunca morrem.
- O segundo declara que apenas aqueles vivem que durante o tempo da angústia de Jacó até ao fim formarão o grupo final.

Em *O Grande Conflito*, 646, 647, está uma descrição das experiências dos cento e quarenta e quatro mil. O acesso mais lógico é fazer primeiro uma lista destas experiências. Depois, se queremos saber se qualquer grupo em particular fará parte dos cento e quarenta e quatro mil, apenas temos que comparar a sua experiência com a do grupo final de Deus. Se nos dois grupos as experiências se assemelham, então o grupo em questão fará efectivamente parte desse povo final. Se as experiências não se igualam, então os grupos de pessoas devem ser diferentes e distintos um do outro.

Vamos agora ler o parágrafo em *O Grande Conflito*, 646, 647, e ver qual é o padrão determinante dos cento e quarenta e quatro mil. “No mar cristalino diante do trono, naquele mar como que de vidro misturado com fogo — tão resplendente é ele pela glória de Deus — está reunida a multidão dos que ‘saíram vitoriosos da besta, e da sua imagem, e do seu sinal, e do número do seu nome’. (Apocalipse 15:2). Com o Cordeiro, sobre o monte Sião, ‘tendo harpas de Deus’, estão os cento e quarenta e quatro mil que foram remidos dentre os homens; e ouve-se, como o som de muitas águas, e de grande trovão, ‘uma voz de harpistas, que tocavam com as suas harpas’. E cantavam um ‘cântico novo diante do trono — cântico que ninguém podia aprender senão os cento e quarenta e quatro mil. É o hino de Moisés e do Cordeiro — hino de livramento. Ninguém, a não ser os cento e quarenta e quatro mil, pode aprender aquele canto, pois é o de sua experiência — e nunca ninguém teve experiência semelhante’. ‘Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vai.’ ‘Estes, tendo sido trasladados da Terra, dentre os vivos, são tidos como as primícias para Deus e para o Cordeiro.’ (Apocalipse 14:1-5; 15:3). ‘Estes são os que vieram da grande tribu-

lação' (Apocalipse 7:14); passaram pelo tempo de angústia tal como nunca houve desde que houve nação; suportaram a aflição do tempo da angústia de Jacó; permaneceram sem intercessor durante o derramamento final dos juízos de Deus. Mas foram livres, pois 'lavaram os seus vestidos, e os branquearam no sangue do Cordeiro'. 'Na sua boca não se achou engano; porque são irrepreensíveis' diante de Deus. 'Por isso estão diante do trono de Deus, e O servem de dia e de noite no Seu templo; e Aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá com a Sua sombra.' (Apocalipse 7:15). Viram a Terra devastada pela fome e pestilência, o Sol com poder para abrasar os homens com grandes calores, e eles próprios suportaram o sofrimento, a fome e a sede."

Esta é a informação. Agora listamos oito especificações usadas para identificar quem é este povo.

1. São aqueles que "saíram vitoriosos da besta, e da sua imagem, e do seu sinal, e do número do seu nome".
2. Terão tido "sua experiência – e nunca ninguém teve experiência semelhante".
3. Terão "sido trasladados da Terra, dentre os vivos".
4. Serão "tidos como as primícias para Deus e para o Cordeiro".
5. Eles "passaram *pelo* tempo de angústia tal como nunca houve desde que houve nação".
6. Eles "suportaram a aflição do tempo da angústia de Jacó".
7. Eles "permaneceram sem intercessor *durante* o derramamento final dos juízos de Deus".
8. Eles "Viram a Terra devastada pela fome e pestilência, o Sol com poder para abrasar os homens com grandes calores...." Isto significa que eles viram na realidade as pragas caírem e reduzirem a Terra à desolação.

Portanto, aqui estão as oito especificações tal como são descritas no parágrafo em *O Grande Conflito*. Vamos agora examiná-las cada uma por sua vez.

A Vitória sobre a Besta

Os cento e quarenta e quatro mil serão aqueles que "saíram vitoriosos da besta, e da sua imagem, e do seu sinal, e do número do seu nome". *O Grande Conflito*, 646. A questão é: podem aqueles que morreram na fé da mensagem do terceiro anjo satisfazer esta especificação? Deve ser imediatamente evidente que não podem. Como podiam eles obter a vitória sobre a besta, a sua imagem, a sua marca, e o seu número quando estas coisas nem sequer existiam nos seus dias? Aqui estão as evidências que apoiam esta conclusão.

A besta é o papado. Ver *O Grande Conflito*, 437, 441, 443. Uma das mais proeminentes características do papado é procurar o apoio do Estado para dar força aos seus dogmas. "... e, para que pudesse governar a consciência do povo, (a igreja primitiva) procurou o apoio do poder secular. Disso resultou o papado, uma igreja que dirigia o

poder do Estado e o empregava para favorecer aos seus próprios fins, especialmente na punição da 'heresia.'" *O Grande Conflito*, 441.

A palavra imagem significa cópia e "quando as principais igrejas do Estados Unidos, ligando-se em pontos de doutrinas que lhes são comuns, influenciarem o Estado para que imponha seus decretos e lhes apoie as instituições, a América protestante terá então formado uma imagem (cópia) da hierarquia romana, e a inflição de penas civis aos dissidentes será o resultado inevitável". *O Grande Conflito*, 443

O parágrafo acima explica que a imagem é um acontecimento futuro. Mesmo hoje as igrejas Protestantes não têm o apoio completo do governo dos Estados Unidos. Quando a mensagem do terceiro anjo começou, o papado ainda não era ainda e mesmo agora ainda não é, um poder mundial com o apoio dos governos do mundo. Portanto, aqueles que morreram na mensagem do terceiro anjo nunca tiveram oportunidade de obter a vitória sobre a besta e a sua imagem.

A marca da besta ainda não foi erigida. "A questão do sábado deve ser o assunto no grande conflito final, no qual todo o mundo terá a sua parte (ST March 22, 1910)." *S.D.A. Bible Commentary* 7:977.

"A observância do domingo ainda não é a marca da besta, e não o será até que o decreto saia obrigando todo o homem a adorar este sábado idólatra. Virá o tempo em que este dia será o teste, *mas esse tempo ainda não chegou* (MS 118, 1899)." *S.D.A. Bible Commentary* 7:977. Estes testemunhos foram escritos em 1910 e 1899 e mostram que aqueles que morreram na mensagem do terceiro anjo até àquele tempo não podiam ter obtido a vitória sobre a marca *que ainda não tinha sido posta em operação*. Mesmo até ao tempo presente, uma lei do domingo que seja apoiada numa base mundial ainda não existe. Portanto, aqueles que morreram na fé da mensagem do terceiro anjo nunca tiveram oportunidade de obter a vitória sobre a marca da besta.



A imagem da besta não será formada até que a adoração do domingo seja defendida por lei. Então virá a luta com a besta e a sua imagem, e a vitória será obtida sobre elas, a sua marca, e o número do seu nome. Ninguém pode entrar nessa batalha ou ganhar essa vitória até estes acontecimentos terem lugar.

Portanto, ninguém que tenha morrido na mensagem do terceiro anjo pode estar entre os cento e quarenta e quatro mil.

A discussão do número 666 requereria um estudo separado por si mesmo, mas algo pode ser dito neste ponto. No pequeno livro, *A Word to the Little Flock*, 19, há uma breve descrição da sequência dos acontecimentos durante o tempo de angústia. Nesta sequência, não foi antes do decreto de compra e venda que "... o número da imagem da besta foi preparado..." Isto deixa-nos sem dúvida que o número 666 é ainda para o futuro.

Portanto, para fazer parte dos cento e quarenta e quatro mil, tem que se obter a vitória sobre a besta, a sua imagem, a sua marca, e o seu número. Os factos indicam que ninguém, vivo ou morto, o fez ainda. Consequentemente, aqueles que morreram na mensagem do terceiro anjo, não podem fazer parte dos cento e quarenta e quatro mil.

Neste ponto devíamos considerar o assunto da ressurreição especial. Num vislumbre pode parecer que estes santos ressuscitados, aqueles que morreram na mensagem do terceiro anjo, tomam parte na vitória na batalha contra a besta. O testemunho com relação a esta ressurreição encontra-se em *O Grande Conflito*, 635. "Todos os que morreram na fé da mensagem do terceiro anjo saem do túmulo glorificados, para ouvirem o concerto de paz, estabelecido por Deus com os que guardaram a Sua lei." De modo a determinar se estes santos ressuscitados têm ou não algo a ver com a real obtenção da vitória sobre a besta, devemos primeiro descobrir quando é obtida a vitória e depois se estes santos foram ressuscitados antes ou depois deste ponto de tempo.

O ponto em que a vitória é obtida e os ímpios cessam a sua perseguição ao povo de Deus está descrito em *O Grande Conflito*, 633, 634. "Quando a protecção das leis humanas for retirada dos que honram a lei de Deus, haverá, nos diferentes países, um movimento simultâneo com o fim de destruí-los. Aproximando-se o tempo indicado no decreto, o povo conspirará para desarraigar a odiada seita. Resolver-se-á dar em uma noite um golpe decisivo, que faça silenciar por completo a voz de dissensão e reprovação.

“O povo de Deus – alguns nas celas das prisões, outros, escondidos nos retiros solitários das florestas e montanhas – pleiteia ainda a proteção divina, enquanto por toda parte grupos de homens armados, instigados pelas hostes de anjos maus, se estão preparando para a obra de morte. É então, na hora de maior aperto, que o Deus de Israel intervirá para o livramento de Seus escolhidos....

“Com brados de triunfo, zombaria e imprecação, multidões de homens maus estão prestes a cair sobre a presa, quando, eis, um denso negror, mais intenso do que as trevas da noite, cai sobre a Terra. Então o arco-íris, resplandecendo com a glória do trono de Deus, atravessa os céus, e parece cercar cada um dos grupos em oração. As multidões iradas subitamente se detêm. Silenciam seus gritos de mofa. É esquecido o objecto de sua ira sanguinária. Com terríveis presentimentos contemplam o símbolo da aliança de Deus, anelando pôr-se ao amparo de seu fulgor insuperável.

“É ouvida pelo povo de Deus uma voz clara e melodiosa, dizendo: ‘Olhai para cima;’ e, levantando os olhos para o céu, contemplam o arco da promessa.... e os pálidos, trémulos lábios dos que mantiveram firme fé, proferem um brado de vitória.

“É à meia-noite que Deus manifesta o Seu poder para o livramento de Seu povo.... Os ímpios contemplam a cena com terror e espanto, enquanto os justos vêem com solene alegria os sinais de seu livramento.”

Enquanto todos os do povo de Deus recebem o testemunho da sua libertação, ao mesmo tempo, aqueles que estão nas prisões devem esperar um pouco mais antes de na realidade serem fisicamente libertados das suas celas. A sequência de acontecimentos é como se segue:

Os santos dão um brado de vitória, os ímpios ficam aterrorizados, Deus diz, “Está consumado”, o maior terremoto de toda a história começa, grandes pedras de saraiva caem, as cidades e ricas habitações são derrubadas, e então as “paredes das prisões fendem-se, e o povo de Deus, que estivera retido em cativeiro por causa de sua fé, é libertado”. *O Grande Conflito*, 635.

Agora a questão é. Aquelles que morreram na fé da mensagem do terceiro anjo irão participar nas cenas que acabamos de descrever? A resposta é, não irão. Eles estarão ainda nas suas sepulturas quando os ímpios estão presos ao seu mau curso de acção e os justos pronunciam um brado de vitória. *É apenas depois da vitória que eles são ressuscitados.* A descrição da sua ressurreição encontra-se em *O Grande Conflito*, 635, e vem depois das paredes das prisões se fenderem e separarem e o povo de Deus que ali está ser libertado.

Uma Experiência Única

Os cento e quarenta e quatro mil têm “sua experiência – e nunca ninguém teve experiência semelhante.” *O Grande Conflito*, 646. Isto não quer dizer que não há semelhanças entre a experiência deste grupo e outros, pois existem. Todos os vários grupos do povo de Deus em todas as eras têm obtido vitória sobre o pecado conhecido, libertação das ameaças do perigo da vida, guia providencial, a santificadora influência das provas, e mais. Mas os cento e quarenta e quatro mil têm uma experiência marcada por maior intensidade e pureza do que qualquer outra geração anterior. Em adição, manterão esta experiência enquanto vivem sem mediador. Ver *O Grande Con-*

flito, 423. Não estamos a falar acerca de indivíduos, mas de grupos de pessoas. Obviamente Jesus teve uma intensidade e pureza de experiência que não tem paralelo com qualquer indivíduo ou grupo. Mas o testemunho em *O Grande Conflito* compara os cento e quarenta e quatro mil com outros grupos, não indivíduos.

Vamos considerar a diferença entre a experiência do grupo final de Deus e a experiência de todas as outras gerações, à luz do seguinte testemunho, “Quando já o fruto se mostra, mete-lhe logo a foice, porque está chegada a ceifa’. Cristo aguarda com fremente desejo a manifestação de Si mesmo em Sua igreja. Quando o carácter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-los como Seus....

“Se todos os que professam Seu nome produzissem fruto para Sua glória, quão depressa não estaria o mundo todo semeado com a semente do evangelho! Rapidamente amadureceria a última grande seara e Cristo viria recolher o precioso grão.” *Parábolas de Jesus*, 69.

Todos sabemos que Cristo ainda não voltou. Este testemunho diz-nos porquê. Diz que Cristo espera por um povo que manifeste perfeitamente o Seu carácter antes de poder voltar. Ter o carácter perfeito de Cristo é ter perfeita ausência de pecado interior e exterior. O facto de nós estarmos ainda nesta Terra pecaminosa é evidência suficiente que nenhum outro grupo na história teve o nível de experiência espiritual que marcará os cento e quarenta e quatro mil que estão vivos quando Cristo voltar. Se outro grupo já tivesse tido o carácter perfeito de Cristo reproduzido em si, então Cristo teria vindo por ele.

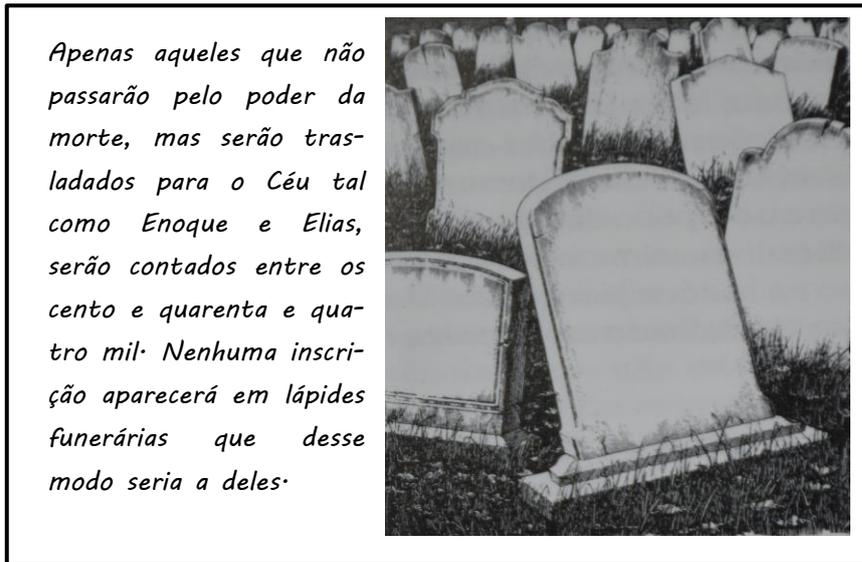
Outro testemunho que indica um intransponível nível de experiência cristã dos cento e quarenta e quatro mil, encontra-se em *Our High Calling*, 321. “O tempo de angústia é a prova severa que fará emergir caracteres iguais ao de Cristo. É designado para levar o povo de Deus a renunciar a Satanás e a suas tentações. O último conflito revelar-lhes-á Satanás no seu verdadeiro carácter, o de um tirano cruel, e fará por eles o que nada mais podia fazer, desenraizá-lo totalmente das suas afeições.” Uma vez que o tempo de angústia fará por eles o que nada mais podia fazer, desenraizar Satanás para sempre das suas afeições, e uma vez que esse tempo apenas ocorre uma vez na história deste mundo, então é apenas no tempo em que o povo de Deus pode receber uma influência santificadora acima e para além do que qualquer outro grupo na história já recebeu. Ver em *The Seven Angels*, um mais detalhado esclarecimento acerca deste ponto.

Trasladação

Os cento e quarenta e quatro mil são trasladados “... da Terra, dentre os vivos...”. *O Grande Conflito*, 646. Portanto, algumas pessoas têm concluído que aqueles que vêm da ressurreição especial e estão vivos quando Cristo volta, são trasladados para o Céu.

A palavra trasladado, como a define a Bíblia, significa ser levado desta Terra para o Céu sem passar pela sepultura. Esta definição encontra-se em *Hebreus* 11:5. “Pela fé Enoque foi trasladado para não ver a morte, e não foi achado, porque Deus o trasladara...” Assim, se uma pessoa que morre, é em seguida ressuscitada, e é levada para

o Céu, não se pode dizer que foi trasladada. Mesmo apesar de viverem durante um



período de tempo muito curto nesta Terra pecaminosa acerca daqueles que ressuscitam na ressurreição especial antes de serem transportados para o Céu, não pode ser dito que são trasladados, uma vez que a definição desta palavra não permite qualquer tempo na sepultura.

Através da Angústia

Eles "... (os cento e quarenta e quatro mil) passaram pelo tempo de angústia tal como nunca houve desde que houve nação..." *O Grande Conflito*, 646. Nesta especificação, a palavra chave é *pele*. Significa simplesmente entrar no início, passar por toda a extensão do acontecimento, e sair na sua conclusão. A palavra *pele* não admite desvios ou falhas. Ora, aqueles que vêm da ressurreição especial passam alguma parte a menos do tempo de angústia? A resposta é um definido, Sim! De facto, eles não passam por quase todo este tempo. A sua ressurreição ocorre praticamente no fim, mesmo depois da última praga começar, e se eles ressuscitassem mais tarde, perderiam completamente o tempo de angústia.

Uma outra linha de raciocínio diz-nos que uma vez que este tempo de angústia é um tempo "... tal como nunca houve desde que houve nação...", então nunca houve outro tempo tão mau como este. Se tivesse havido e se tivesse ocorrido desde a mensagem do terceiro anjo ter começado, então teríamos um argumento para provar que aqueles que morreram na mensagem do terceiro anjo passaram realmente através do "... tempo de angústia tal como nunca houve desde que houve nação...". Mas não há dois tempos de angústia tal como nunca houve. Há apenas um que está ainda no futuro e apenas um grupo de pessoas que vivem durante todo o acontecimento podem estar de acordo com esta especificação.

As Primícias

Os cento e quarenta e quatro mil são "tidos como as primícias para Deus e para o Cordeiro." *O Grande Conflito*, 646.

Esta especificação não fornece apenas uma excelente identificação de quem são os cento e quarenta e quatro mil, mas também um depósito de conhecimento relaciona-

do com o seu papel na causa de Deus. Uma vez que o assunto é bastante extenso e já está impresso, não há necessidade de repetição para duplicar aqui essa informação. O assunto pode ser estudado referindo os capítulos 14-25 do livro *Os Sete Anjos*.

A Angústia de Jacó

“...Suportaram a aflição do tempo da angústia de Jacó...” *O Grande Conflito*, 646.

Para compreender esta especificação, é necessário compreender a distinção entre o grande tempo de angústia e o tempo da angústia de Jacó. Os justos sentem o tempo de angústia. “... Suportaram o cansaço a demora e a fome... o sofrimento,... e sede.” *O Grande Conflito*, 620, 647. Isto é doloroso, com certeza, mas eles certamente não sofrem as terríveis pragas que os ímpios sofrem. “O mundo vê aqueles dos quais zombaram e escarneceram, e que desejaram exterminar, passarem ilesos através das pestilências, tempestades e terremotos. Aquele que é para os transgressores de Sua lei um fogo devorador, é para o Seu povo um seguro pavilhão.” *O Grande Conflito*, 651.

Contudo, enquanto os ímpios estão a sofrer o tempo de angústia geral, os justos estão a sofrer o tempo da angústia de Jacó. Durante o tempo da angústia de Jacó, Satanás, com o total apoio e cooperação de todo o mundo, organiza um assalto final ao povo de Deus. É uma experiência que induz à maior agonia mental e espiritual da parte dos que detêm a verdade. Receiam que dentro deles haja ainda algum pecado não confessado e abandonado. Os ímpios nesta altura não estão certamente a partilhar *este tipo* de sofrimento e provação uma vez que estão confiantes que Babilónia é verdadeira e justa e consideram um serviço destruir a minoria.

Se bem que estes dois tempos de angústia sejam diferentes, ocorrem simultaneamente. Contudo, não duram o mesmo tempo. Ambos começam juntos mas o tempo de angústia geral dura mais do que o tempo da angústia de Jacó. Vamos primeiro observar alguns testemunhos que estabelecem o ponto de início para estes dois tempos de angústia. O tempo de angústia geral começa quando a porta da graça fecha; isto acontece quando Cristo cessa o Seu ministério no santuário celestial. “Quando Jesus cessar a Sua intercessão pelo homem, os casos de todos estão para sempre decididos.... A porta da graça fecha; As intercessões de Cristo cessam no Céu.” *Testimonies* 2:191.

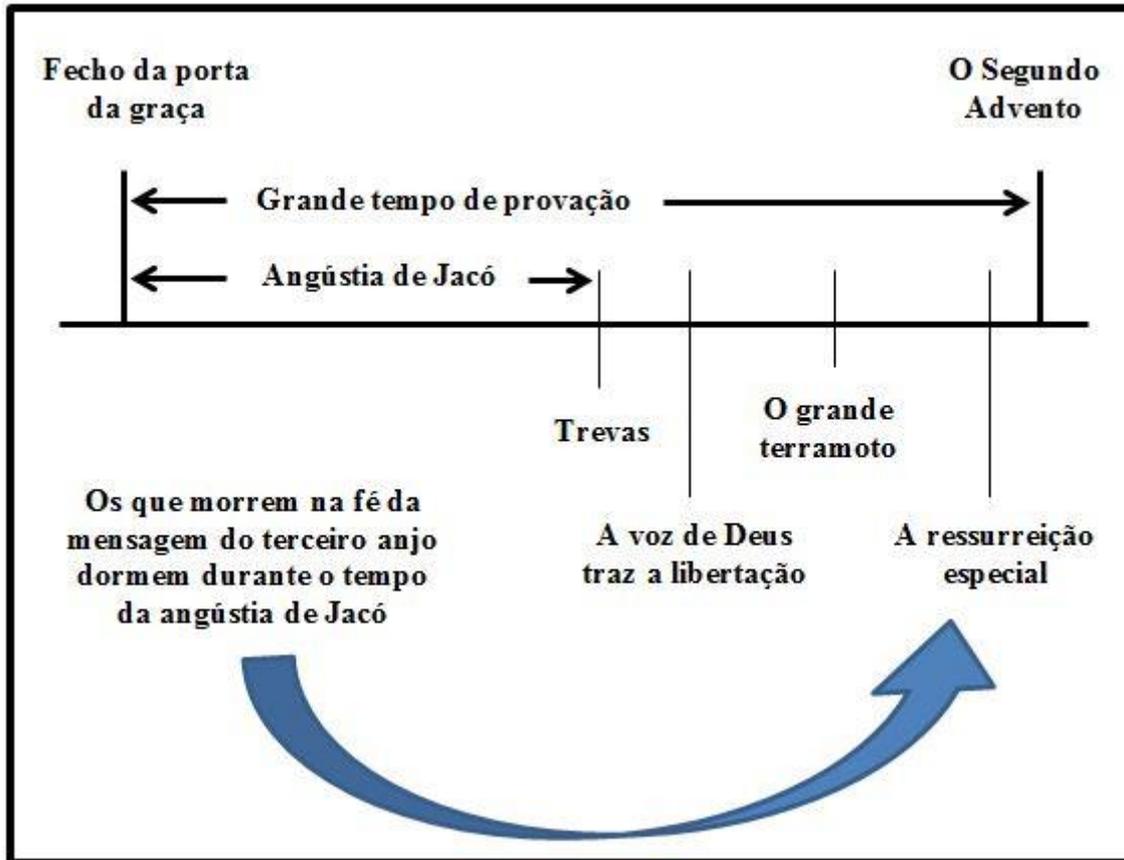
“Quando Jesus Se levantar no Santíssimo, e tirar Suas vestes de Mediador, revestindo-Se dos vestidos da vingança em lugar dos trajes sacerdotais, estará concluída a obra em prol dos pecadores.... Findar-se-á o tempo de graça de todos quando terminar a intercessão pelos pecadores, e forem vestidos os trajes de vingança.” *Testemunhos Selectos* 1:285.

“Deixando Ele o santuário, as trevas cobrem os habitantes da Terra.... Os ímpios passaram os limites de seu tempo de graça; o Espírito de Deus, persistentemente resistido, foi, por fim, retirado. Desabrigados da graça divina, não têm protecção contra o maligno. Satanás mergulhará então os habitantes da Terra em uma grande angústia final.” *O Grande Conflito*, 612, 613.

Assim, estes testemunhos esclarecem que o tempo de angústia geral começa quando Cristo deixa o santuário e o tempo de graça acaba para todos. Agora temos

que determinar quando começa o tempo da angústia de Jacó para o povo de Deus e o testemunho seguinte dá-nos a resposta.

“A experiência de Jacó durante aquela noite de luta e angústia, representa a prova pela qual o povo de Deus deverá passar precisamente antes da segunda vinda de



Cristo. O profeta Jeremias, em santa visão, olhando para este tempo, disse: ‘Ouvimos uma voz de tremor, de temor mas não de paz... Porque se têm tornado macilentos todos os rostos? Ah! porque aquele dia é tão grande, que não houve outro semelhante! e é tempo de angústia para Jacó: ele porém será livrado dela’. *Jeremias 30:5-7*.

“Quando Cristo cessa a Sua obra como mediador em prol do homem, então este tempo de angústia começará.” *Patriarcas e Profetas*, 200.

Este testemunho torna claro que o tempo da angústia de Jacó começa quando finalizar o ministério de Cristo no santuário celestial, que é exactamente o momento em que o geral tempo de angústia começa.

Com relação ao fim do tempo, a angústia de Jacó finaliza antes do geral tempo de angústia. Quando o povo de Deus for libertado, o seu tempo de angústia acaba e eles entoam um grito de vitória como está descrito em *O Grande Conflito*, 634. Os dois parágrafos seguintes das páginas 634, 635, descrevem a contínua angústia que os ímpios sofrem na forma da sétima praga. Durante esta praga tem lugar a ressurreição especial. Assim, o tempo da angústia de Jacó já terá acabado quando aqueles que morreram na mensagem do terceiro anjo são ressuscitados e portanto, não passam de modo algum pelo tempo de angústia de Jacó. Portanto, não podem fazer parte dos cento e quarenta e quatro mil que suportarão “... a aflição do tempo de angústia de Jacó...” *O Grande Conflito*, 646.

Em *Primeiros Escritos* está um testemunho que aparentemente mostra que aqueles que ressuscitam na ressurreição especial obtêm a vitória sobre a besta e a sua imagem. Na página 285 está uma descrição da libertação do povo de Deus depois do que se descreve a ressurreição especial. Na página 286 está a seguinte frase. “E, quando a interminável bênção foi pronunciada sobre os que haviam honrado a Deus santificando o Seu sábado, houve uma grande aclamação de vitória sobre a besta e a sua imagem.”

Especificações que devem ser cumpridas por aqueles que serão os cento e quarenta e quatro mil	Aqueles que se levantam na ressurreição final	Os que nunca morrem
1. Eles terão “obtido a vitória sobre a besta, e sobre a sua imagem, e sobre a sua marca, e sobre o número do seu nome”.	NÃO	SIM
2. Eles terão tido uma “experiência tal que nenhum outro grupo jamais teve”.	NÃO	SIM
3. Eles terão sido “trasladados da Terra, dentre os vivos”.	NÃO	SIM
4. Eles terão sido “contados como ‘as primícias para Deus e para o Cordeiro’”.	NÃO	SIM
5. Eles terão “passado através do tempo de angústia tal como nunca houve desde que houve nação”.	NÃO	SIM
6. Eles terão “sofrido a angústia do tempo da angústia de Jacó”.	NÃO	SIM
7. Eles terão “ficado sem intercessor durante o derramamento final dos juízos de Deus”.	NÃO	SIM
8. Eles terão “visto a Terra devastada pela fome e pela pestilência, o sol tendo poder para atormentar os homens com grande calor...”.	NÃO	SIM

A bênção descrita neste parágrafo é pronunciada sobre aqueles que “... haviam honrado a Deus santificando o Seu sábado...”. Quem guardou o santo sábado de Deus? Aqueles que morreram na mensagem do terceiro anjo e foram ressuscitados na ressurreição especial, e os que não experimentaram a morte. Estes dois grupos estavam vivos para ouvir esta bênção pronunciada sobre eles. Agora, a questão é, como podem os que vêm da ressurreição especial experimentar vitória sobre a besta e a sua imagem? Experimentaram-na como um dom, pois eles certamente não tomam parte na batalha final. Durante as suas vidas sentiram a ameaça da besta e houve alturas em que parecia que seriam aqueles que iriam entrar na batalha final com este poderoso inimigo. Mas morreram em vez disso. E mesmo que tenham morrido na fé, acreditando que seriam ressuscitados, sabiam que teriam que esperar nas suas sepulturas até que um povo no futuro obtivesse a vitória por eles, e lha dessem como um

dom. E quando ressuscitam e recebem este dom, quão natural será para eles pronunciar um alto grito de vitória sobre a besta e a sua imagem.

Sem Mediador

Os cento e quarenta e quatro mil não apenas ficam sem Mediador, mas também fazem isto "... durante o derramamento final dos juízos de Deus". *O Grande Conflito*, 646. Como estudámos antes, aqueles que vêm da ressurreição especial não vivem através do derramamento final dos juízos de Deus. Eles ressuscitam durante a sétima e última praga. Se bem que vivam na Terra por um curto período de tempo sem Mediador, não o fazem durante todas as pragas sem Mediador, e é isto que a especificação diz.

Testemunhas do Julgamento Final

A última especificação diz que os cento e quarenta e quatro mil "... viram a Terra devastada pela fome e pestilência, o Sol com poder para abrasar os homens com grandes calores...." *O Grande Conflito*, 646. É verdade que aqueles que vêm da ressurreição especial verão uma Terra que foi devastada pelas sete últimas pragas, mas não viram o processo real de devastação. Não verão as pragas caírem uma após outra e rapidamente reduzir a Terra da razoável produtividade até à aridez. Apenas os cento e quarenta e quatro mil que vivem durante o derramamento das pragas testemunharão isto.

Capítulo 2

Contradições Aparentes

Até agora neste artigo há ampla evidência identificando os cento e quarenta e quatro mil como aqueles que vivem durante o tempo da angústia de Jacó e o tempo de angústia geral sem verem a morte. Mas há alguns testemunhos que parecem contradizer esta evidência. Eles parecem dizer que aqueles que morrem na mensagem do terceiro anjo serão parte dos cento e quarenta e quatro mil. Vamos agora examinar estes testemunhos.

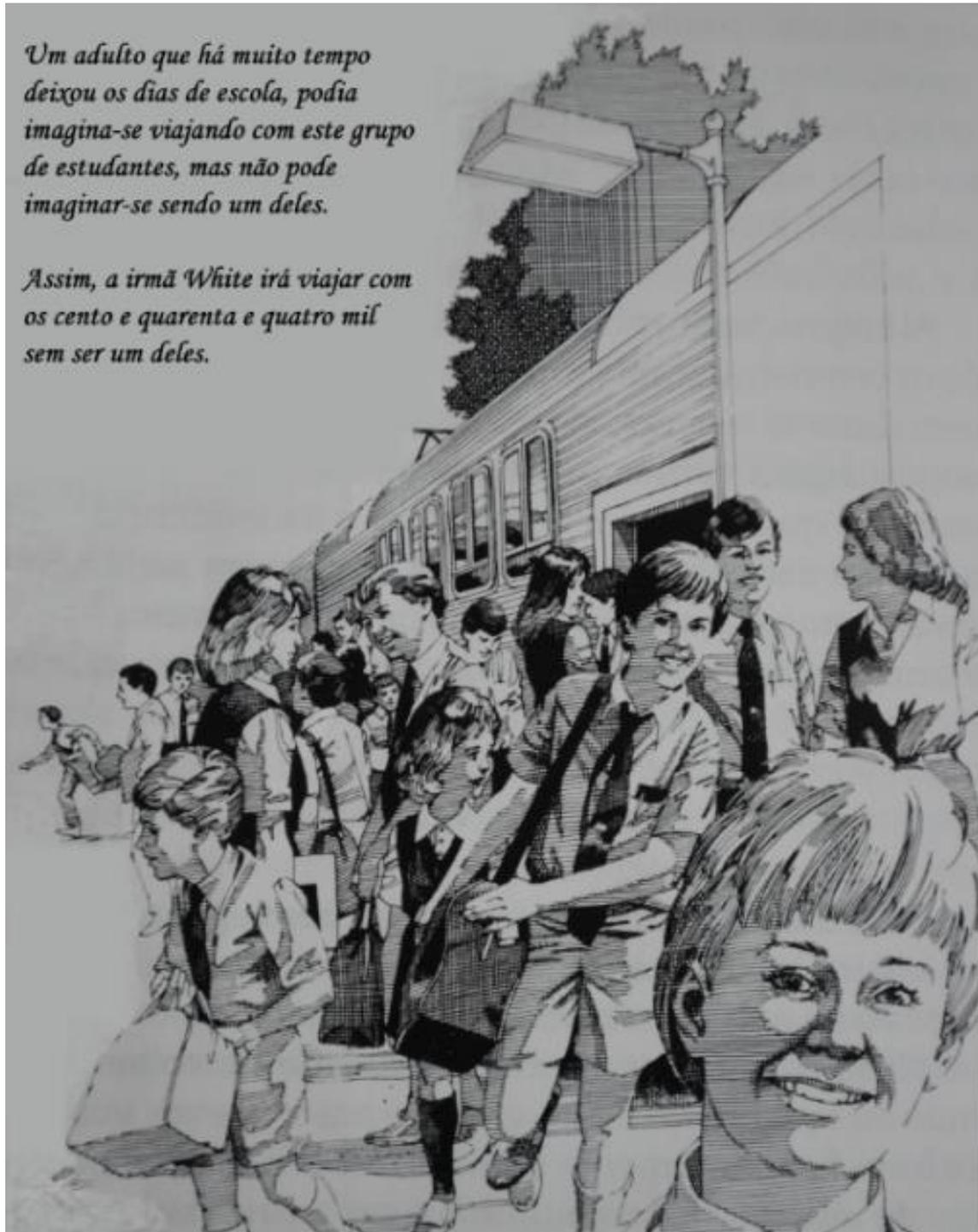
“Com” ou “Um dos”

Uma das referências mais citadas para apoiar o ponto de vista que os que morrem na mensagem do terceiro anjo farão parte dos cento e quarenta e quatro mil é esta: “Não podia suportar o pensamento de voltar a este mundo tenebroso. Disse então o anjo: ‘Deves voltar e, se fores fiel, juntamente com os 144 000 terás o privilégio de visitar todos os mundos e ver a obra das mãos de Deus.’” *Primeiros Escritos*, 40.

À primeira vista, este testemunho parece dizer que a irmã White fará parte dos cento e quarenta e quatro mil. É seguro dizer que ela morreu na fé da mensagem do terceiro anjo. Ao admitir que ela fará parte dos cento e quarenta e quatro mil, alguns levam avante a ideia e dizem que todos os outros que morrem na mensagem do terceiro anjo também farão parte desse último grupo do povo de Deus.

Contudo, um olhar mais demorado ao testemunho revelará algo diferente. O anjo disse, “... tu, *juntamente com* os 144 000...” Ele não disse que tu, *sendo um* dos 144 000. Isto estabelece toda a diferença na compreensão correcta daquilo que o anjo realmente disse.

A história seguinte ilustra o assunto. Houve uma ocasião em que dois turistas estavam no edifício do Capitólio em Washington D. C. Este edifício contém muitos artigos interessantes do ponto de vista histórico. Estes dois visitantes desejavam ver estes artigos mas não sabiam onde se dirigir e precisavam de um guia para descrever os pontos de interesse. Enquanto estavam ali indecisos, um grupo de estudantes de liceu com o seu guia entraram no local. Ninguém se incomodou por estes dois visitantes estarem a ouvir o guia, nem por eles seguirem com o grupo durante toda a visita.



Mais tarde, relatando esta experiência aos seus amigos, disseram, “nós, *com* os estudantes do liceu, visitámos o edifício do Capitólio”.

Ninguém tirou daqui a conclusão que eles pertenciam ao grupo *dos* alunos do liceu. Foram com os estudantes através do edifício mas sem serem um deles.

Assim, o testemunho apenas diz que a irmã White, se fiel, estará com os cento e quarenta e quatro mil, mas não será um deles.

Outro testemunho encontra-se em *Primeiros Escritos*, 18, 19, onde há uma descrição de algumas cenas que a irmã viu em visão. Viu a Cidade Santa e alguns lugares à sua volta. Ela, com outros, começou a subir o Monte de Sião no cimo do qual há um templo. “E quando estávamos para entrar no santo templo, Jesus levantou Sua bela voz e

disse: 'Somente os 144 000 entram neste lugar,' e nós exclamámos: 'Aleluia!'" *Idem*, 19.

Deste testemunho não se conclui que a irmã White fará ou não parte dos cento e quarenta e quatro mil. Mas no seguinte algumas frases podiam deixar a impressão que ela fará, "Esse templo era apoiado por sete colunas, todas de ouro transparente, engastadas de pérolas belíssimas. As maravilhosas coisas que ali vi, não as posso descrever. Oh, se me fosse dado falar a língua de Canaã, poderia então contar um pouco das glórias do mundo melhor. Vi lá mesas de pedra, em que estavam gravados com letras de ouro os nomes dos 144 000. Depois de contemplar a beleza do templo saímos,...." *Idem*, 19.

Podíamos ficar com a impressão que a irmã White será um dos cento e quarenta e quatro mil porque ela descreve o que acontece como se fosse parte desse grupo. Mas a questão é: irá ela fisicamente experimentar tudo o que vê na visão quando essa visão vier a acontecer? E a resposta é, Não. Se ver algo em visão significa que a pessoa toma parte fisicamente nela quando acontece, então baseado em outra visão que ela teve, devemos concluir que ela fará fisicamente parte do povo de Deus durante o tempo de angústia apesar da ressurreição especial, na qual ela será ressuscitada, ocorrer apenas no fim do tempo de angústia.

Esta visão está descrita no livro *A Word to the Little Flock*, 18-20. A página 19 descreve algumas cenas do tempo de angústia como se ela estivesse lá fisicamente. "E no início do tempo de angústia, fomos cheios do Espírito Santo enquanto saíamos a proclamar melhor o sábado.... Eles [os ímpios] levantaram-se e tomaram conselho para livrar a Terra de nós....

"E tudo o que nos era requerido fazer, era desistir do sábado de Deus, e guardar o do papa....

"No tempo de angústia, todos fugíamos das cidades e aldeias, mas éramos perseguidos pelos ímpios... Eles levantaram as suas espadas para nos matarem, mas elas partiram-se... Então todos clamavam dia e noite por libertação...."

Uma vez que a irmã White está na sua sepultura e esperando a ressurreição especial que ocorre depois dos acontecimentos agora descritos, é seguro dizer que ela não tomará parte fisicamente destes acontecimentos. Assim, a questão é que precisamente porque ela vê algo em visão e a descreve como se lá estivesse, não quer dizer que estará lá fisicamente quando os acontecimentos tiverem lugar.

Mas o que fazemos então, quando ela descreve algumas das cenas no Céu? Podemos concluir que não estará fisicamente no Céu? Não. Assim, como determinaremos quais as visões que ela um dia experimentará fisicamente, e quais as que não experimentará? A resposta encontra-se perguntando se ela está fisicamente viva ou não quando estes acontecimentos ocorrem e se ela possui as especificações que a qualificam para tomar parte física nessa visão. Se Ellen White teve uma visão na qual parece estar a descrever-se a si mesma como um dos cento e quarenta e quatro mil, então podemos dizer com certeza que isto é algo que ela experimentou apenas em visão e não experimentará fisicamente quando a visão se cumprir porque ela não possui as especificações para tal. Mas se ela teve uma visão e a descreve como estando presente, e se a sua presença não viola quaisquer princípios ou factores de qualificação como apresentados na palavra de Deus, então é seguro concluir que ela um dia experimentará fisicamente o que viu em visão.

Uma Irmã Selada

Outro testemunho que tem causado problemas nas mentes de alguns encontra-se em *Mensagens Escolhidas* 2:263. “Vi que ela estava selada, e à voz de Deus ressurgiria e se ergueria sobre a Terra, e estaria com os 144 000. Vi que não precisamos chorar sobre ela; ela repousaria durante o tempo da angústia, e tudo que pudéssemos lamentar seria nossa perda de ficar privados de sua companhia.”

Este testemunho diz que esta senhora estaria com os cento e quarenta e quatro mil, mas isto não quer dizer que ela seria um deles. Também diz que ela repousará durante o tempo de angústia, quando os cento e quarenta e quatro mil estarão vivos durante esse tempo. A parte deste testemunho que gera o problema em algumas mentes é a referência ao selamento.

A má compreensão levanta-se quando se crê que os cento e quarenta e quatro mil recebem um selo diferente do selo recebido pelo resto do povo de Deus. Todos os servos de Deus justos recebem o mesmo selo, mas a questão é que há na verdade dois selos. O primeiro selo é o que todo os membros do povo de Deus em todas as eras devem receber enquanto vivem. O segundo selo é do mesmo modo um selo que todos os crentes devem receber. A única diferença é que os cento e quarenta e quatro mil recebem o segundo selo enquanto vivos, ao passo que o resto do povo fiel de Deus o recebe durante a sua permanência na sepultura.

Ao estudar este assunto, veremos dois grupos de testemunhos que falam acerca dos selos. No princípio parecerá não haver diferença entre os selos de cada um deles. Os testemunhos não chamam aos selos “primeiro” ou “segundo”. Mas uma melhor observação mostrará que estes selos, embora similares, são na realidade diferentes e ocorrem em tempos diferentes. Há um número de lugares da Palavra Inspirada onde temos que tratar de duas coisas diferentes mas chamadas pelo mesmo nome. Por exemplo, a Bíblia fala acerca da vinda de Cristo a esta Terra. Alguns versículos dizem que Ele vem para ser perseguido e morto. Outros dizem que Ele vem para reinar num trono como Rei. Estas vindas, ainda que similares, são diferentes, mas ainda assim chamadas pelo mesmo nome. Nenhum dos versículos descreve cada vinda como “primeira” ou “segunda”. Mas é bastante óbvio que as duas Escrituras acerca da vinda de Cristo se referem a acontecimentos diferentes que ocorrem em tempos separados. Uma parte dos versículos proféticos terá que ser cumprida antes da outra. Por outras palavras, uma acontece antes da outra.

Este mesmo tipo de coisas é verdadeiro quando lemos testemunhos acerca dos selos. Eles podem parecer falar acerca de um selo, quando na realidade estão a falar de dois selos diferentes, mas as palavras “primeiro” e “segundo” não são usadas. Para nos ajudar a distinguir os dois grupos de testemunhos, olharemos para duas linhas de orientação básicas. A primeira encontra-se nos próprios testemunhos. Uma parte deles fala acerca dum selo presente enquanto a outra fala acerca de um selo futuro. A segunda linha orientadora encontra-se nas duas fases de purificação do serviço do santuário. A primeira purificação é a purificação do pecador. A segunda é a do santuário. O primeiro selo e a purificação do pecador são a mesma coisa. O segundo selo e a purificação do santuário são a mesma coisa.

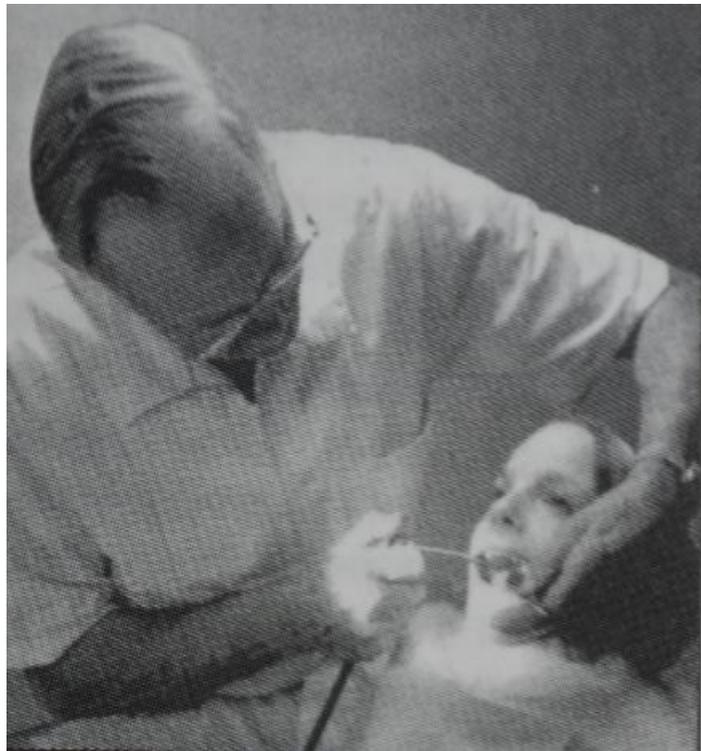
Para começar, devíamos ver os vários testemunhos acerca dos selos. Os três primeiros falam acerca do selo que qualquer cristão pode ter em qualquer momento presente da sua vida.

“A lei de Deus, que é perfeita santidade, é o único padrão verdadeiro de carácter. O amor é revelado na obediência, e perfeito amor afasta todo o medo. Aqueles que amam a Deus, têm o selo de Deus nas suas testas, e efectuam as obras de Deus. Se todos os que professam cristianismo soubessem o que significa amar a Deus na prática....” *Sons and Daughters of God*, 51.

“Em quem [Cristo] também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa.” *Efésios* 1:13.

“E foi-lhes dito que não fizessem dano à erva da Terra, nem a verdura alguma, nem a árvore alguma, mas somente aos homens que não têm nas suas testas o sinal de Deus.” *Apocalipse* 9:4.

O propósito do selamento é selar a bondade no interior e a corrupção no exterior. Isto é verdade quanto à conservação dos frutos de Verão para serem consumidos no Inverno. Na obra do dentista que restaura o dente penetrado pela cárie, e na obra da graça que sela a justiça no interior, e a pecaminosidade exteriormente.



O primeiro testemunho fala acerca de uma experiência presente com Deus. Todas as vezes que um pecado é totalmente vencido, é lançado fora da vida do cristão, tal como elementos não desejados são antes removidos de um frasco de conserva e depois é selado para que esses elementos se mantenham do lado de fora. O selo também mantém pura a comida dentro do frasco, tal como Deus mantém a justiça na vida. Desde que o cristão mantenha a sua fé nesse selo e não interfira com ele, então está seguro contra a tentação e não cometerá de novo esse pecado. Este é o primeiro selo. É designado para selar todos os pecados conhecidos da vida da pessoa e selar e conservar o nível de justiça que ele obteve. É um selo que deve ser experimentado apenas numa base diária, pois o povo de Deus deve crescer diariamente na graça. E mesmo se uma pessoa não tem pecado para confessar num determinado momento,

este selo deve ainda ser mantido e a sua justiça interior deve crescer todos os dias através de vigilância, oração, exercício de fé, estudo da palavra de Deus, serviço aos outros, e um mais profundo arrependimento e mesmo aversão ao pecado.

Este conceito de crescimento e conservação desse crescimento é estabelecido no seguinte testemunho. “Assim que o povo de Deus é selado nas suas testas — não é um selo ou marca que possa ser vista, mas um estabelecimento na verdade, tanto intelectual como espiritual, de modo que eles não podem ser movidos — Logo que o povo de Deus esteja selado e preparado para a sacudidura, ela virá. De facto, ela já começou; os juízos de Deus estão agora sobre a Terra, para nos avisar, para que possamos saber o que está para vir (MS 173, 1902).” *S.D.A. Bible Commentary* 4:1161.

A palavra “estabelecimento” implica tempo. É necessário tempo e esforço e muita graça para o povo de Deus ser estabelecido na verdade tanto intelectual como espiritualmente. “Mediante a graça de Deus e seu próprio esforço diligente, devem eles ser vencedores na batalha contra o mal.” *O Grande Conflito*, 424. “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da vida.” *Provérbios* 4:23. E quando o povo de Deus chegar a esse nível de experiência cristã que o torna capaz de enfrentar a sacudidura, então receberá o selo que o preserva de todo o mal.

Neste ponto seria bom acrescentar uma nota de precaução acerca da má compreensão que se pode levantar do testemunho que lemos acerca do selo. Embora este testemunho esteja a falar acerca da obra do selamento sendo feita num certo ponto de tempo precisamente antes da sacudidura, isso não significa que este é o único tempo em que o selo é aplicado ao povo de Deus. Sem um contínuo selamento, momento a momento, do pecado no exterior e selamento interior da justiça, como poderia o cristão alguma vez ficar limpo o tempo suficiente para poder obter qualquer crescimento? Se lhe é requerido lutar para alcançar um certo nível de justiça antes de estar qualificado para receber o selo atrás mencionado, e se, durante essa luta, as portas da sua alma estivessem continuamente abertas por falta dum selamento momento a momento, então ser-lhe-ia impossível alcançar um nível de preparação para o que quer que fosse, para não falar na sacudidura. Portanto, é essencial que desde o primeiro momento da sua experiência e todo o instante depois, o cristão realize a obra do selamento na sua vida. Sem ele o crente está completamente desprotegido e não tem qualquer esperança de crescimento nem da vitória final.

Em *Efésios* 1:13 temos uma referência ao selo do Espírito Santo. É um selo que podia ser obtido nos dias de Paulo, e por aqueles crentes, era um selo presente que recebiam na sua experiência diária. O facto de ser chamado selo do Espírito Santo em vez de selo de Deus pode dar a ideia de um selo diferente daquele que temos estudado até agora. Mas esta expressão, o selo do Espírito Santo, apenas serve para ampliar a nossa compreensão acerca do primeiro selo. Diz-nos que o Espírito Santo tem uma obra a fazer para aplicar e manter este selo. O testemunho seguinte ajuda-nos a compreender isto. “Cristo separa sempre do pecado a alma contrita. Veio para destruir as obras do diabo, e tomou providências para que o Espírito Santo fosse comunicado a toda alma arrependida, para guardá-la de pecar.” *O Desejado de Todas as Nações*, 293. Assim o Espírito Santo protege o cristão arrependido do pecado. Ele sela o pecado no exterior e no interior a justiça.

Se ainda parece estranho que o selo do Santo Espírito é o mesmo que o selo de Deus, pensai no facto que Deus é Aquele que envia o Espírito. “Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?” *Lucas 11:13*. Sempre que o Espírito Santo está a trabalhar, é certo que o Pai O enviou. A expressão, selo do Espírito Santo, serve para nos falar do esforço de cooperação da Divina Trindade para efectuar a salvação da raça humana do pecado interior e exterior.

Ainda noutro sentido, o selo do Espírito Santo é o selo de Deus, porque o Espírito Santo é Deus.

A referência que se segue de *Apocalipse 9:4* diz respeito a um período da história que envolve cerca de cinco séculos de tempo antes de 1844. Este facto verifica-se em *O Grande Conflito*, 332, 333. Durante este tempo houve pessoas com o selo de Deus nas suas testas. Elas, como as do tempo de Paulo e todos os verdadeiros cristãos de qualquer geração, estavam a obter uma experiência através do poder do Espírito Santo pela qual o pecado estava a ser selado exteriormente nas suas vidas e a justiça no interior. Estavam a estabelecer-se na verdade intelectual e espiritualmente. Estavam a experimentar crescimento e o selamento desse crescimento.

Antes de deixar o assunto do primeiro selo, seria bom ter em consideração um erro comum no qual a natureza humana tem a tendência natural para cair. Este erro é a tendência para dar ênfase a um aspecto de um assunto acima de outro e não ver a necessidade de dar ênfase aos dois em conjunto. No caso do primeiro selo, estes dois aspectos são o intelectual e o espiritual. Ambos são apresentados no testemunho acima citado do *S.D.A. Bible Commentary 4:1161*.

Em resumo, o primeiro selo é o encerramento exterior do pecado tanto espiritual como intelectual. Isto significa que, se uma pessoa dá ênfase ao aspecto espiritual acima do intelectual, ou ao intelectual acima do espiritual, então não será capaz de se arrepender do pecado tão profundamente como poderia e expulsá-lo tão completamente quanto devia.

Aqueles que têm aprendido os procedimentos do verdadeiro evangelho e têm sido libertados da escravidão do pecado, podem testificar o facto que só a persuasão intelectual é insuficiente para nos assegurar de pecar. Conhecem a experiência descrita em *Romanos 7:23*: “Mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros.” Este versículo descreve esse tempo na sua experiência em que tentam cessar de pecar pela educação das suas mentes quanto ao seu mau resultado, mas vêem que o poder do pecado é muito grande, e que são continuamente vencidos.

Por outro lado, depois de uma pessoa aprender a experiência do verdadeiro caminho de Deus da libertação da escravidão do pecado, há ainda a necessidade da diligente educação da mente contra a transgressão, estudando os seus resultados. Mas frequentemente as pessoas libertadas sentem menos a inclinação para fazer isto e mais a vontade de dar ênfase à parte espiritual uma vez que isso foi o que lhes deu a libertação do pecado. Uma vez que a persuasão mental não lhes trouxe libertação, têm a tendência para centrar o seu pensamento apenas na justiça e nas verdades espirituais. Mas isto é um erro. Fazer isto é estabelecer a espiritualidade e não a intelectualidade.

Neste ponto, alguns podem pensar que estão a estabelecer-se na verdade intelectualmente usando as suas mentes apenas para estudar as coisas espirituais. É verdade que o estudo da verdade espiritual envolve a mente, e quanto mais a pessoa estuda a mensagem que Deus envia, mais intelectualmente convencida se torna quanto à certeza destas verdades. Este é um tipo de estabelecimento intelectual, e é essencial, mas não é o único tipo. É também necessário haver o estudo dos resultados do pecado com o propósito de ver a sua natureza. Esta necessidade é apresentada no seguinte testemunho.

“Adão e Eva tinham escolhido a ciência do mal; e se em algum tempo recuperassem o lugar que haviam perdido, deveriam fazê-lo sob as condições desfavoráveis que sobre si tinham acarretado. Não mais deveriam habitar o Éden, *pois em sua perfeição não lhes poderia ensinar as lições cuja aprendizagem agora lhes era essencial*. Com indizível tristeza despediram-se daquele belo ambiente, e saíram para habitar na Terra onde repousava a maldição do pecado....

“Se bem que a Terra estivesse maculada pela maldição, a Natureza devia ainda ser o compêndio do homem. Não poderia agora representar apenas bondade; pois o mal se achava presente em toda parte, manchando a terra, o mar e o ar, com seu contacto corruptor. Onde se encontrara escrito apenas o carácter de Deus, o conhecimento do bem, agora se achava também escrito o carácter de Satanás, a ciência do mal. Pela Natureza que agora revelava o conhecimento do bem e do mal devia o homem ser continuamente advertido quanto aos resultados do pecado....

“O espírito de rebelião a que ele próprio (Adão) havia dado entrada, estendeu-se por toda a criação animal. Destarte, não somente a vida do homem, mas a natureza dos animais, as árvores da floresta, a relva do campo, o próprio ar que ele respirava, tudo apresentava a triste lição da ciência do mal....

“Até onde se estenda o mal, é ouvida a voz de nosso Pai, ordenando a Seus filhos que *vejam nos resultados daquele a natureza do pecado*, admoestando-os a esquecer o mal, e convidando-os a receber o bem.” *Educação, 25-27.*

Este testemunho diz-nos que o Éden na sua perfeição não podia nem pode ensinar ao homem todas as lições que ele precisa aprender de modo a ser libertado do pecado. Em adição, desde a queda, ele deve ser levado a compreender a natureza do pecado estudando os seus resultados que estão demonstrados nas vidas das pessoas e de todo o resto da criação, animada e inanimada. Estas lições, quando estudadas por alguém com uma verdadeira experiência cristã, e à luz da infinita bondade de Deus como a solução para o problema do pecado, produzirá um profundo arrependimento que sem elas não é possível.

Neste ponto pode levantar-se a questão quanto ao modo como estudar a natureza do pecado e dos seus resultados. Quer isto dizer que devemos experimentar a iniquidade em nós mesmos de modo a aprender a aborrecê-la? De modo nenhum! O pecado é um poder destruidor, e esse poder torna insensíveis os sentidos moral e intelectual. Se cometido muito tempo destrói tanto o corpo como a vida. Não, o poder do pecado não necessita de estar em nós para que compreendamos intelectualmente a sua natureza mortal e seus resultados. É suficiente que ele permaneça fora de nós enquanto observamos o seu efeito sobre aquilo ou aquele que toque.

Alguns podem pensar que a ideia de estudar a natureza do pecado e seus resultados põe uma notória contradição na luz do conselho Inspirado que nos diz para não

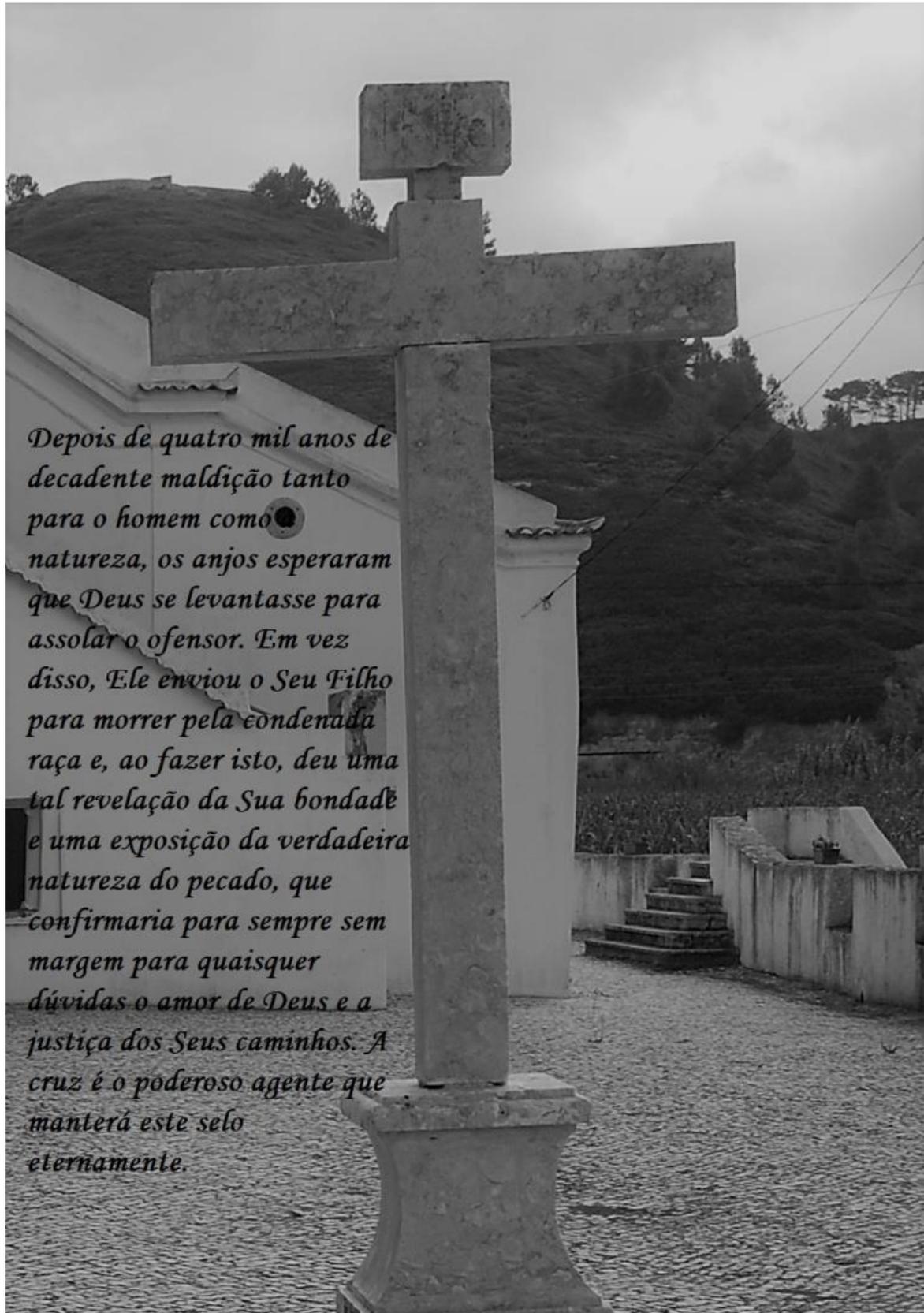
contemplarmos o pecado. Contudo, deve ser feita uma distinção. O cristão apenas será atraído estudando ou contemplando os sedutores prazeres do pecado. Mas é diferente estudar os devastadores resultados desses prazeres. Também, o iluminado estudante não será enganado pelos aparentes bons resultados a curto prazo. Seu conhecimento da palavra, história, e natureza de Deus levá-lo-á a olhar para os resultados a longo prazo, até mesmo para além do seu tempo de vida.

Deve também ser recordado que "... a benignidade de Deus te leva ao arrependimento". *Romanos 2:4*. É seguro dizer que a bondade de Deus é a *única* coisa que leva ao arrependimento do próprio pecado. O estudo intelectual dos resultados do pecado não pode, por si mesmo, produzir este tipo de arrependimento. Uma pessoa pode estudar os resultados do pecado e arrepender-se do padrão de comportamento que a magoa. Mas isto não é arrependimento do pecado em si mesmo. É essencial estudar os resultados do pecado, mas este estudo deve ser acompanhado do conhecimento da bondade de Deus. Quando os dois estão juntos, a natureza do pecado será revelada como não seria de outro modo.

Olhemos uma aplicação prática deste plano divinamente ordenado para vencer o pecado. Antes de haver pecado, um conhecimento pessoal da bondade de Deus era suficiente para impedir a entrada do pecado. O facto de ele ter começado é inexplicável. É um mistério. "É impossível explicar a origem do pecado de maneira a dar a razão de sua existência.... O pecado é um intruso, por cuja presença nenhuma razão se pode dar. É misterioso, inexplicável; desculpá-lo corresponde a defendê-lo. Se para ele se pudesse encontrar desculpa, ou mostrar-se causa para a sua existência, deixaria de ser pecado." *O Grande Conflito*, 492, 493.

Mas o facto é que o pecado entrou, e quando o fez, uma terça parte dos anjos escolheu separar-se da bondade de Deus, e casar com a natureza do pecado. Este problema já era suficiente, mas a outra dificuldade foi que os anjos leais viram que tinham sido colocadas nas suas mentes dúvidas acerca do carácter de Deus, que não podiam ser removidas pelo conhecimento desse carácter tanto quanto eles o conheciam e compreendiam. Apesar de recusarem unir-se ao pecado, este ainda estava perante eles como um formidável desafio à natureza e caminhos de Deus.

O pecado é ao mesmo tempo enganador e atractivo. Mesmo os maus resultados, na medida em que foram vistos nesse tempo, foram tidos como responsabilidade de Deus, e os anjos leais não conseguiram discernir completamente os argumentos de Satanás. De modo a remover a máscara e revelar a natureza real do pecado, outro procedimento tinha que ser adicionado ao estudo do carácter de Deus, e esse era o estudo dos resultados do pecado. A adição deste procedimento veio imediatamente após a irrevogável decisão de Satanás de permanecer em pecado.



“Deus permitiu que Satanás levasse avante sua obra até que o espírito de desafeto amadurecesse em activa revolta. Era necessário que seus planos se desenvolvessem completamente a fim de que todos pudessem ver sua verdadeira natureza e tendên-

cia.... Disfarçando-se sob a capa da falsidade, alcançara uma vantagem. Todos os seus actos eram de tal maneira revestidos de mistério, que era difícil descobrir aos anjos a verdadeira natureza de sua obra. Antes que se desenvolvesse completamente, não poderia mostrar-se a coisa ruim que era.... Mesmo os anjos fiéis não podiam discernir-lhe completamente o carácter, ou ver para onde sua obra estava a levar....

“O verdadeiro carácter do usurpador e seu objectivo real devem ser compreendidos por todos. Ele deve ter tempo para manifestar-se pelas suas obras iníquas....

“A sua própria obra o deve condenar....

“A rebelião de Satanás deveria ser uma lição para o universo, durante todas as eras vindouras – perpétuo testemunho da natureza do pecado e de seus terríveis resultados. A actuação do governo de Satanás, seus efeitos tanto sobre os homens como os anjos, mostrariam qual seria o fruto de se pôr de parte a autoridade divina. Testificariam que, ligado à existência do governo de Deus, está o bem-estar de todas as criaturas que Ele fez.” *Patriarcas e Profetas*, 23-25.

A sabedoria do plano de Deus é vista nos resultados. Depois de quatro mil anos de pecado, “Ficara demonstrado perante o universo que, separada de Deus, a humanidade não se poderia erguer”. *O Desejado de Todas as Nações*, 34. Assim, os anjos e os seres habitantes dos mundos não caídos viam cada vez melhor que tinham tomado a decisão correcta ao permanecer leais a Deus. Contudo, o nível de sua compreensão do carácter de Deus não era suficiente para os capacitar a verem através das mentiras de Satanás. Ainda acreditavam que Deus destruiria o pecador sob certas circunstâncias como mostra o seguinte testemunho.

“Com intenso interesse, os mundos não caídos observavam para ver Jeová levantar-Se e assolar os habitantes da Terra.” *O Desejado de Todas as Nações*, 34. O testemunho não diz que eles observavam para ver se Ele se levantaria. Esperavam que Ele destruísse totalmente a Terra por causa da sua rebelião contra o governo divino.

Isto mostra que só o estudo dos resultados do pecado, ou quando relacionado com uma insuficiente apreciação do carácter de Deus, não irá capacitar seres criados a verem a natureza do pecado do ponto de vista em que percam toda a simpatia por ele. Mas, combinai este estudo com uma suficiente demonstração da bondade de Deus ao lidar com o problema do pecado, e toda a simpatia com o pecado cessará.

Este facto está revelado na cruz. Ali, os resultados do pecado foram revelados no seu pior, e a bondade de Deus foi demonstrada no seu melhor. Quando o poder do pecado se levanta ao ponto de resultar na morte do Filho de Deus, o próprio dador da vida daqueles que O mataram, então nenhum pecado maior podia ser cometido. Esta é a obra fundamental própria do mal. Porém, mesmo isto não fez com que os mundos não caídos vissem a verdade acerca do carácter de Deus. Foi a manifestação da infinita paciência e amor altruísta que Deus deu como resposta a todo este ataque, que abriu os olhos dos seres celestiais. Foi esta demonstração de infinito amor que revelou o pecado como aquilo que ele é, tal como a revelação do carácter de Deus por aquilo que ele é na verdade. O resultado foi a completa perda da simpatia por Satanás e pelo pecado da parte dos seres celestiais. Os pensamentos e as ideias que uma vez tiveram alguma recepção nas suas mentes, estavam agora selados para sempre, enquanto que a verdade estava selada interiormente.

Uma concisa mas ilustradora ideia geral do conflito entre Cristo e Satanás nesta Terra, como observada pelo universo celestial, está registada em *O Desejado de Todas*

as Nações, 729-731. Mostra como Cristo enfrentou os resultados do pecado com o carácter do Seu pai celestial, e qual foi o resultado nas mentes dos anjos. Citam-se alguns extractos dessas páginas.

“Deu-se tempo para que os princípios de Satanás operassem, a fim de serem vistos pelo Universo celestial.

“Satanás induziu o homem ao pecado, e o plano de redenção entrou a ser executado. Por quatro mil anos, esteve Cristo trabalhando pelo erguimento do homem, e Satanás por sua ruína e degradação. E o Universo celestial contemplava tudo.

“Ao vir Jesus ao mundo, o poder de Satanás voltou-se contra Ele.... Todos os esforços de Satanás para oprimi-l’O e vencê-l’O, só faziam ressaltar, mais nitidamente, a pureza de Seu carácter.

“Todo o Céu, bem como os não caídos mundos, foram testemunhas do conflito....

“Com dor e espanto contemplou o Céu a Cristo pendente da cruz,... Todo o Céu se encheu de assombro quando, em meio de Seus terríveis sofrimentos, Cristo ergueu a oração: — ‘Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem’...

“Houvesse podido achar um só pecado em Cristo, tivesse Ele num particular que fosse cedido a Satanás para escapar à terrível tortura, e o inimigo de Deus e do homem teria triunfado....

“Satanás viu que estava desmascarado. Sua administração foi exposta perante os anjos não caídos e o Universo celestial. Revelara-se um homicida. Derramando o sangue do Filho de Deus, desarraigou-se Satanás das simpatias dos seres celestiais.... Estavam rotos *os derradeiros laços* de simpatia entre Satanás e o mundo celestial.”

Deve recordar-se que só o estudo dos resultados do pecado não podem revelar a natureza do pecado por aquilo que ele realmente é. Apenas quando os resultados do pecado são colocados lado a lado com a demonstração da bondade de Deus como uma resposta ao problema do pecado, será vista e rejeitada a natureza do pecado. Se o problema do pecado não é compreendido como pode ser, então a solução não será apreciada como deve.

A verdade que só o estudo dos resultados do pecado não pode revelar a verdadeira natureza do pecado como ele realmente é, está confirmada na própria obra dos sociólogos, advogados, psicólogos e outros nos resultados da desobediência e da transgressão da lei. Estes homens não chegam a uma apreciação da bondade de Deus, mas em vez disso revelam orgulho e confiança em si mesmos e na sua suposta habilidade para serem solucionadores de problemas. Por lhes faltar a luz que brilha através do evangelho, não podem ver as coisas como elas realmente são. Portanto, a sua aproximação às dificuldades faz mais mal do que bem. Apenas à luz do plano da salvação como a solução para o problema do pecado podem os resultados do pecado ser claramente vistos.

Finalmente, vamos referir de novo o testemunho do *S.D.A. Bible Commentary* 4:1161, que dá ênfase à necessidade de nos *estabelecemos* na verdade tanto intelectual como espiritualmente. Por muito que desejemos uma obra de graça instantânea para nos elevar da degradação do pecado às alturas da glória, temos que enfrentar e viver com o facto que leva tempo a nos *estabelecemos* na verdade.

Por outras palavras, o estudo dos resultados do pecado e o estudo do carácter de Deus não devem ser tomados apenas numa ou duas ocasiões, mas devem tomar a nossa atenção continuamente. O estudo destes dois assuntos deve ser prosseguido

com essa determinação imparável e estrita aplicação que irá expandir e aprofundar a nossa compreensão da extraordinária bondade de Deus como uma perfeita e completa resposta ao problema do pecado. O abençoado resultado será uma extensão contínua de arrependimento que levará a uma purificação do pecado e a uma restauração à semelhança de Deus que nos selará tanto intelectual como espiritualmente contra a entrada do pecado. Assim virá a preparação para a participação na batalha final, subsequente transladação, e parte no reino eterno.

Tal obra requer o emprego de grande esforço pois como o seguinte testemunho mostra, diligente esforço deve ser adicionado à graça divina: “Mediante a graça de Deus e seu próprio esforço diligente, devem eles ser vencedores na batalha contra o mal.” *O Grande Conflito*, 424.

Satanás mostra todos os meios possíveis pelos quais pode afastar as mentes dos próprios temas essenciais para o presente e eterno bem-estar de cada candidato ao reino, e usa-os com imparável determinação e persistência. Quando as tentações afastam o cristão do estudo do carácter de Deus e dos resultados do pecado, é preciso esforço para manter esse programa diário essencial que resulta na santificação. Muitas vezes o que busca arrependimento começará bem, sacrificando desnecessariamente procedimentos que consomem tempo a fim de ter um crescimento espiritual como sua primeira prioridade. Mas a contínua batalha com o eu e os poderes invisíveis testarão a sinceridade de todos os que assentam os pés no caminho recto. E a batalha torna-se mais intensa à medida que a carne, que está tão pouco habituada às fadigas, reclama descanso.

Para Moisés, o processo da santificação foi tão extenuante que ele teve que “Renunciar o erro e aceitar a verdade requeria da parte de Moisés uma luta tremenda....

“Deus, porém, não comunicará aos homens luz divina, enquanto estiverem contentes com permanecerem em trevas. A fim de receber o auxílio de Deus, o homem deve compenetrar-se de sua fraqueza e deficiência; deve aplicar seu próprio espírito na grande mudança a ser operada em si; deve despertar para a oração e esforço fervorosos e perseverantes. Maus hábitos e costumes devem ser repelidos; e é apenas pelo esforço decidido no sentido de corrigir tais erros, e conformar-nos aos princípios rectos, que a vitória pode ser ganha. Muitos jamais atingem a posição que poderiam ocupar, porque esperam que Deus faça por eles aquilo que Ele lhes deu poder para fazerem por si mesmos. Todos os que se habilitam a ser úteis devem ser adestrados pela mais severa disciplina mental e moral; e Deus os ajudará, unindo o poder divino ao esforço humano.” *Patriarcas e Profetas*, 253, 254.

Os cento e quarenta e quatro mil serão um povo que verá a natureza do pecado estudando os seus resultados tendo como contraste o carácter de Deus. Eles perseverantemente tomarão o tempo e farão o esforço necessário para acabar com o pecado nas suas vidas. Para eles será cumprida a promessa que diz, “Todos os que lançarem mãos das promessas de Deus, como ele (Jacó) o fez, e como ele forem fervorosos e perseverantes, serão bem sucedidos como ele o foi”. *O Grande Conflito*, 620.

Estarão total e permanentemente estabelecidos em toda a verdade, e serão um povo totalmente selado a quem o tentador não encontrará qualquer ponto de entrada, e sobre quem não terá poder.

Será porque receberam esta plenitude, o primeiro selo, que estarão eleitos para receber o segundo selo enquanto ainda estão vivos sobre esta Terra, e permanecerão assim até o Salvador voltar.

A natureza do segundo selo será assunto para o próximo capítulo.

Capítulo 3

O Selo e o Santuário

Pode parecer que temos estado afastados do testemunho acerca da irmã selada em *Mensagens Escolhidas*, mas na realidade isso não aconteceu. Há conceitos errados acerca da obra do selamento que necessitam ser corrigidos antes do testemunho poder ser compreendido. Além disso, uma vez que os cento e quarenta e quatro mil devem receber a plenitude do primeiro selo para além do que qualquer geração anterior jamais possuiu, então uma compreensão da obra do selamento é necessária a fim de apreciar quem podem pertencer aos cento e quarenta e quatro mil.

É agora altura de considerar a relação entre o primeiro selo e os serviços do santuário, pois uma clara compreensão destes serviços é essencial, não apenas na explicação do primeiro e segundo selos, mas experimentá-los na totalidade como uma realidade viva na vida. Uma vez que o primeiro selo envolve a remoção dos pecados do indivíduo, é necessário saber o que acontece a esses pecados, e isso é revelado no ministério diário do santuário. “Como antigamente eram os pecados do povo colocados, pela fé, sobre a oferta pelo pecado, e, mediante o sangue desta, transferidos simbolicamente para o santuário terrestre, assim em o novo concerto, os pecados dos que se arrependem são, pela fé, colocados sobre Cristo e transferidos, *de facto*, para o santuário celeste.” *O Grande Conflito*, 420. O que acontecia em figura no santuário terrestre, acontece de facto no santuário celestial. Quando o cristão se torna conhecedor do pecado na sua vida e pela fé alcança o poder purificador de Deus, esse pecado, que é semelhante a um elemento de separação que habita na natureza humana, é literalmente removido e colocado no santuário celestial.

Este problema do pecado e o que fazer com ele pode ser ilustrado do seguinte modo. O cristão pode ser tornado numa fortaleza. Como diz em *O Desejado de Todas as Nações*, 307, “Quando a alma se rende inteiramente a Cristo, novo poder toma posse do coração. Opera-se uma mudança que o homem não pode absolutamente operar por si mesmo. É uma obra sobrenatural introduzindo um sobrenatural elemento na natureza humana. A alma que se rende a Cristo, torna-se Sua fortaleza, mantida por Ele num revoltoso mundo, e é Seu desígnio que nenhuma autoridade seja aí conhecida senão a Sua. Uma alma assim guardada pelos seres celestes, é inexpugnável aos assaltos de Satanás”.

Vamos fazer uso natural desta ilustração de uma fortaleza para explicar o problema que o pecado põe. Pensai numa fortaleza contra a qual o inimigo de considerável poder e força se aproxima. O senhor do castelo está preparado para enfrentar o inimigo encerrando todos os caminhos de acesso à entrada. As portas estão fechadas, as janelas trancadas, e tudo está seguro. Mas o inimigo aproxima-se com confiança, sabendo que um agente secreto está dentro do castelo e abrirá as portas no momento certo. Assim a fortaleza é penetrada. Não está selada contra o inimigo. O poder físico e pessoal desse único homem no interior (e apenas um é necessário) é muito menor que o poder do exército exterior, contudo, por causa da sua posição interior pode fazer muito mais para vencer toda a fortaleza do que todo o exército exterior.



O agente secreto é uma ilustração do pecado dentro do cristão. Ainda que o senhor da fortaleza tente fechar todas as portas, falha em se certificar que o agente secreto foi apanhado e aprisionado. Do mesmo modo, o cristão que falha em ter a certeza que todo o pecado foi removido da sua vida será também vencido pela tentação. Este assunto de se tornar sem pecado interiormente é tão vital, que Deus ainda não foi capaz de terminar o grande conflito porque tem falta de um povo sem pecado através de quem possa trabalhar. De facto, os cento e quarenta e quatro mil terão que ser tão puros como Cristo foi quando esteve na Terra a fim de passar com sucesso o tempo de angústia. Isto é apresentado no testemunho seguinte. “Agora, enquanto

nosso grande Sumo Sacerdote está a fazer expiação por nós, devemos procurar tornar-nos perfeitos em Cristo. Nem mesmo por um pensamento poderia nosso Salvador ser levado a ceder ao poder da tentação. Satanás encontra nos corações humanos algum ponto em que pode obter apoio; algum desejo pecaminoso é acariciado, por meio do qual suas tentações asseguram a sua força. Mas Cristo declarou de Si mesmo: 'Aproxima-se o príncipe deste mundo, e nada tem em Mim.' (João 14:30). Satanás nada pôde achar no Filho de Deus que o habilitasse a alcançar a vitória. Tinha guardado os mandamentos de Seu Pai, e não havia n'Ele pecado que Satanás pudesse usar para a sua vantagem. Esta é a condição em que devem encontrar-se os que subsistirão no tempo de angústia." *O Grande Conflito*, 621.

A verdade de Deus é melhor compreendida quando é experimentada. Assim, para tornar realmente clara a obra do selamento, será feita agora referência a um desejo e prática pecaminosos contra os quais muitos dos nossos leitores terão um selo completo.

Aqueles que agora não são fumadores, nunca o foram, ou deixaram este hábito pecaminoso e destruidor. Aqueles que fumaram no passado, mas agora deixaram totalmente de o fazer, encontraram esta libertação pelo poder de um Deus salvador, que tão completamente os limpou do desejo de fumar que eles são como se nunca tivessem alguma vez sido fumadores. Não negligenciamos o facto que há alguns que são capazes de deixar de fumar pelo mero poder da vontade, mas esses estão numa minoria muito pequena, pois, desde que a nicotina realmente tome conta do indivíduo, ele geralmente verifica que é totalmente incapaz de deixar esse hábito.

Agora, aqueles de vós que lêem estas palavras, mas nunca adoptaram o hábito de fumar, juntamente com aqueles que foram libertados dele, sabem que nada há dentro de vós que responda à tentação de fumar. Não tendes desejo, ânsia, sabor, sentido de necessidade ou propensão de qualquer tipo nesta direcção. Ainda mais, estais conhecedores de uma solene responsabilidade perante Deus de preservar o vosso corpo e mente no melhor estado de saúde e eficiência, e isto torna-se um poderoso facto no selamento contra qualquer possibilidade de render-se à tentação.

Ao mesmo tempo, tendes sido educados intelectualmente para odiar, detestar, fugir e rejeitar esta prejudicial erva daninha. Não há argumento que possa adiantar, nem ilustração sedutora que vos possa ser apresentada, que vos torne fracos ou quebre a vossa intenção de nunca fumar.

Resumindo, vós estais selados contra essa tentação particular tanto intelectual como espiritualmente. Quanto a este pecado específico, mesmo o desejo físico foi removido.

Porém, estar selado nesta área de tentação, não significa que estais selados contra toda a possível propensão para o mal. Contudo, significa que do mesmo modo como conheceis por experiência o poder do selo contra o fumar, também podeis saber por experiência o poder do selamento que Deus oferece contra toda a área possível em que sois tentados ou em que podeis ser tentados. Podeis agora ter o selo contra o ódio, orgulho, maledicência, mordacidade, apetites, afeições, desejos, etc. Entrar neste selo é a obra de uma vida e requer que árduas e severas lutas sejam travadas com o eu a fim de alcançar o selamento em cada passo que se avança. Os cento e quarenta e quatro mil receberão a total plenitude deste selo enquanto vivem. Terão alcançado

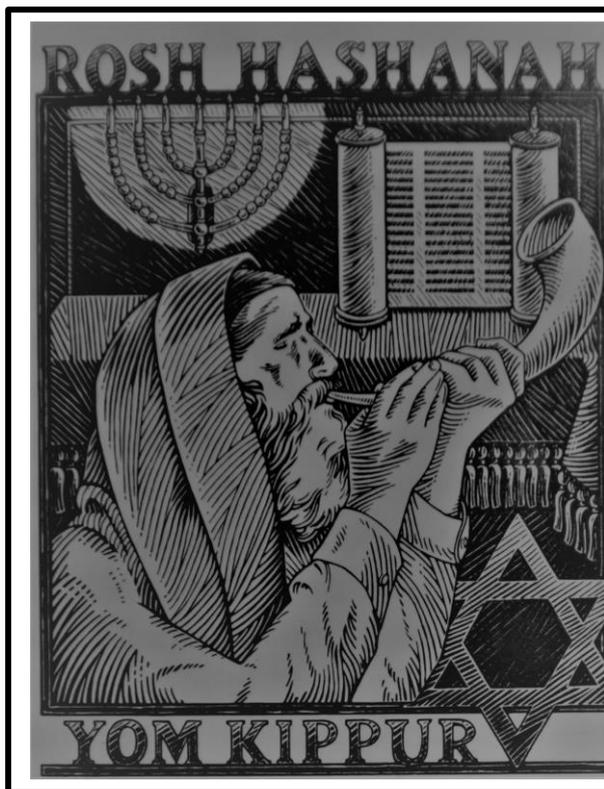
isto "... Mediante a graça de Deus e seu próprio esforço diligente." *O Grande Conflito*, 424.

Até agora neste estudo, apenas considerámos a remoção do pecado do pecador e sua colocação no santuário. Mas o que é que por fim acontece a esses pecados, e trazem eles, entretanto, alguma ameaça sobre o povo de Deus? Há alguma possibilidade desses pecados poderem voltar de novo para os seus originais possuidores? Sim! Certamente que há! Porque, a menos que Cristo ofereça a expiação final, eles voltarão de novo para o pecador.

Mesmo depois dos pecados serem colocados no santuário, o cristão ainda não está totalmente livre da condenação da lei. O testemunho seguinte revela este facto. "Importantes verdades concernentes à expiação eram ensinadas pelo culto típico. Um substituto era aceito em lugar do pecador; *mas o pecado não se cancelava pelo sangue da vítima*. Provia-se, desta maneira, um meio pelo qual era transferido para o santuário. Pelo oferecimento do sangue, o pecador reconhecia a autoridade da lei, confessava sua culpa na transgressão e exprimia o desejo de perdão pela fé num Redentor vindouro; *mas não ficava ainda inteiramente livre da condenação da lei.*" *O Grande Conflito*, 418.

Este testemunho diz-nos que os pecados de uma pessoa são transferidos para o santuário, mas não cancelados. Eles existem tão inteiramente como sempre existiram. Por isto é que a pessoa perdoada não está ainda inteiramente livre da condenação da lei. O problema que estes pecados põem aos seus primeiros possuidores, pode ser testemunhado do seguinte modo. "A lei de Deus quebrantada, exigia a vida do pecador." *Patriarcas e Profetas*, 57. Assim, ainda que os pecados de uma pessoa não estejam nela mas no santuário, ainda a ameaçam de morte. Esta ameaça é real, e se esses pecados voltassem para ela, eles a destruiriam. Este problema real requer uma solução real, que se encontra na purificação do santuário no dia da expiação. "No dia da expiação o sumo sacerdote, havendo tomado uma oferta para a congregação, ia ao lugar santíssimo com o sangue e o aspergia sobre o propiciatório, em cima das tábuas da lei. *Assim se satisfaziam os reclamos da lei, que exigia a vida do pecador.*" *Patriarcas e Profetas*, 369. Esta expiação satisfaz a exigência da lei quebrantada. Em termos práticos, isto significa que a expiação final fornece ao cristão uma barreira ou selo que os seus pecados anteriores não podem penetrar, tornando-o assim eternamente seguro da sua ameaça de destruição.

Para que não se levante confusão do intercâmbio no uso da palavra "pecado" e da expressão "lei quebrantada", devia ser explicado que elas são a mesma coisa. Pecado é a transgressão, ou quebrantamento da lei. Ver *1 João 3:4* (Versão Autorizada.) Também em *Patriarcas e Profetas*, 454, se fala acerca dos "efeitos fatais do pecado...". Por outras palavras, o pecado é um destruidor. Reduz e por fim extingue a vida de qualquer coisa viva em que toca.



Não será senão no grande dia da expiação final, conhecido pelos israelitas como “Yom Kipur”, quando Jesus, pela virtude do Seu sangue derramado, remove os nossos pecados e os coloca sobre o bode expiatório, que ficaremos total e finalmente livres da condenação da lei e irreversivelmente selados contra a pecaminosidade.

Vamos agora observar testemunhos que nos falam acerca deste segundo selo.

“O Senhor mostrou-me claramente que a imagem da besta será formada antes do tempo de graça acabar; pois ela deve ser o grande teste para o povo de Deus, pelo qual seu eterno destino será decidido...”

“Este é o teste que o povo de Deus deve enfrentar antes de ser selado. Todos quantos provarem a sua lealdade a Deus observando a Sua lei, e recusando aceitar um sábado espúrio, enfileirar-se-ão sob a bandeira do Senhor Deus Jeová, e receberão o selo do Deus vivo. Aqueles que abandonam a verdade de origem celestial e aceitam o sábado dominical, receberão a marca da besta.” *S.D.A. Bible Commentary* 7:976.

“Quando se encerrar a mensagem do terceiro anjo, a misericórdia não mais pleiteará em favor dos culpados habitantes da Terra. O povo de Deus terá cumprido a sua obra. Recebeu a ‘chuva serôdia’, o ‘refrigério pela presença do Senhor’, e acha-se preparado para a hora probante que diante dele está. No Céu, anjos apressam-se de um lado para o outro. Um anjo que volta da Terra anuncia que a sua obra está feita; o mundo foi submetido à prova final, e todos os que se mostraram fiéis aos preceitos divinos receberam ‘o selo do Deus vivo’. Cessa então Jesus de interceder no santuário celestial. Levanta as mãos, e com grande voz diz: ‘Está feito.’... Cristo fez expiação por Seu povo, e apagou os seus pecados.” *O Grande Conflito*, 612.

“Jesus está em Seu santo templo, e agora aceita nossos sacrifícios, orações e confissões de faltas e pecados, e perdoará todas as transgressões de Israel, para que sejam apagadas antes que Ele saia do santuário. Quando Jesus sair do santuário, os que são santos e justos serão santos e justos ainda; pois todos os seus pecados estarão apagados, e eles selados com o selo do Deus vivo.” *Primeiros Escritos*, 48.

No último capítulo olhamos para alguns testemunhos que nos falam acerca de um selo que pode ser aplicado em qualquer momento presente numa experiência cristã. Os testemunhos agora citados falam acerca de um selo a ser aplicado num específico

tempo futuro. *O Grande Conflito* diz que este selo é aplicado depois de “... se encerrar a mensagem do terceiro anjo”, “a misericórdia não mais pleiteará em favor dos culpados habitantes da Terra”, e “... o mundo foi submetido à prova final...”. Estas expressões dizem-nos que a provação acabou. Isto significa que o ministério diário cessou. Sem este ministério não pode haver transferência do pecado para o santuário, e sem isso não pode haver novas aplicações do primeiro selo. Mas, depois do primeiro selo ser aplicado, o que vemos que o povo de Deus recebe? Um selo. Necessariamente, este tem que ser o segundo selo.

De acordo com *O Grande Conflito*, o segundo selo é aplicado depois do ministério diário acabar e antes de “Cessar então Jesus de interceder no santuário celestial”. Há apenas um serviço no santuário que toma lugar neste espaço de tempo e esse é a expiação no lugar santíssimo. Portanto, esta expiação é o segundo selo. Ela satisfaz as exigências da lei quebrantada e os pecados do povo de Deus estão então para sempre selados do lado de fora deles. Estão eternamente seguros. Neste ponto, total provisão foi feita para os seus pecados serem colocados sobre o bode expiatório e destruídos com ele para sempre.

Pode haver uma tendência para pensar na colocação dos pecados sobre o bode expiatório como sendo parte do segundo selo. A transição do bode expiatório é realmente um resultado do segundo selo, em vez de parte dele. Ainda mais, este acontecimento toma lugar na Terra e não no santuário celestial. Ver *O Grande Conflito*, 656. O segundo selo é aplicado antes de Cristo cessar Sua intercessão celestial.

A sequência é como se segue:

- 1) O ministério diário acaba e o primeiro selo não mais pode ser aplicado.
- 2) A expiação no lugar Santíssimo é feita e o segundo selo aplicado.
- 3) Cristo cessa Sua intercessão celestial.
- 4) Ele vem a esta Terra e, na presença do povo de Deus, coloca os seus pecados sobre Satanás.

Tudo isto está de acordo com o padrão terrestre. O sumo sacerdote não colocou os pecados sobre o bode expiatório enquanto estava ainda no compartimento do santuário onde o povo não o podia ver. Fez isto no pátio completamente à vista do povo. Ver *O Grande Conflito*, 656. Do mesmo modo, os santos na Terra não podem ver Cristo no santuário celestial. Para ser consistente com o padrão terrestre, Ele deve vir para onde o povo O pode ver, que na altura será na Terra, e ali coloca os pecados sobre Satanás.

Para dar mais ênfase à necessidade de um segundo selo para selar o pecado do lado de fora do cristão e o tornar completamente seguro, vamos supor hipoteticamente que Jesus recusou fazer a expiação final. Se Ele tivesse que tomar esta atitude e os pecados do cristão tivessem que voltar para ele, o poder do primeiro selo seria suficiente para o proteger da morte? A resposta é: Não, porque “A lei de Deus, quebrantada, exigia a vida do pecador”. *Patriarcas e Profetas*, 57.

Mesmo depois da porta da graça fechar e a total plenitude do primeiro selo ser aplicada ao povo de Deus e ele ser purificado de todo o pecado sem faltar ninguém, não estão ainda inteiramente descansados da condenação da lei quebrantada, que exige a vida do pecador. Mesmo neste ponto, se Jesus não realizasse a expiação final para satisfazer as reivindicações da lei, mas deixasse esses pecados voltarem para o

Seu povo, então o primeiro selo não seria capaz de enfrentar as exigências da lei quebrantada.

Se bem que o pensamento de Jesus não realizar a expiação final seja apenas hipotético, serve para dar ênfase à realidade do problema que o cristão enfrenta e à necessidade da solução. Os factos reais são que o primeiro selo não liberta inteiramente o cristão da condenação da lei. É em si mesmo insuficiente para o fazer e portanto, outra obra, a da expiação final, é requerida para efectuar uma completa libertação desta condenação.

Mas quando e por quem é esta condenação experimentada? Deve o cristão diariamente suportar o sentimento de culpa e condenação, ou pode ser libertado em Cristo? Sim, o cristão pode ser libertado do peso da condenação na sua experiência diária. A condenação que vem dos pecados que estão no santuário não é experimentada até uma altura específica, num tempo futuro. Em adição, ela será experimentada apenas pelos professos cristãos que foram infiéis.

Por outras palavras, o problema da condenação presente é resolvido pelo primeiro selo. O problema da condenação a ser activada no futuro, resolve-se pelo segundo selo. O primeiro selo é suficiente para libertar uma pessoa da condenação presente. Diariamente ele pode ter uma clara consciência, poder para obedecer a Deus, e libertação do sentimento de culpa. Mas o juízo investigativo está a efectuar-se nesse momento. É um julgamento para ver quem manteve ou não o poder do primeiro selo na sua vida. Para aqueles que foram fiéis, a futura expiação final que é o segundo selo, colocará os seus pecados que os condenam ainda mais longe deles, no próprio bode expiatório, onde esses pecados por fim perecerão. Para aqueles que não foram fiéis, a expiação final resultará em que os pecados que os condenam vêm de volta para eles. O poder real da sua condenação será sentido por eles no fim do milénio.

Para mostrar quão importante e eficaz é o segundo selo em selar o pecado do lado de fora do cristão, considerai o facto que o santuário é o único caminho através do qual o pecado pode e deve passar. Nenhum pecado passa directamente do cristão para o bode expiatório ou do bode expiatório para o cristão. Todo ele deve passar pelo santuário. Quando os pecados entram no santuário, estão ainda no caminho e podem ir para qualquer dos lados; isto é, de volta para o cristão, ou para o bode expiatório. Mas, o acto de Cristo em fazer a expiação final por aqueles que têm mantido o primeiro selo, é tão eficaz que, uma vez administrado, não há a mais remota possibilidade dos pecados daqueles por quem esta expiação é feita voltarem jamais para o santuário ou de novo para os crentes. Uma vez que as transgressões tenham sido colocadas no bode expiatório em virtude da expiação no lugar santíssimo, não podem voltar de novo para os seres selados, pois elas teriam que passar através do canal do santuário para os alcançar e o Salvador nunca permitiria isto. Lembrai-vos que nenhum pecado pode passar do pecador para o bode expiatório, nem do bode expiatório para o crente excepto através do santuário. A expiação final purifica o santuário e assim os salvos são apresentados eternamente selados contra os seus pecados serem de novo colocados sobre eles. O segundo selo é uma obra feita *em favor* do crente, não *nele*. O ministério *nele* é efectuado pelo primeiro selo, e pelo satisfatório dom adquirido e mantido ele recebe o segundo selamento.

Assim, em *Mensagens Escolhidas* 2:263, onde lemos acerca de uma irmã selada que morreu, está a dizer-se que esta irmã recebeu o primeiro selo. Ela receberá o segundo selo quando a expiação final no lugar santíssimo for completada.

Esclarecendo um Ponto

Quando chegamos ao assunto do segundo selo, pode perguntar-se porque é necessário tal selo se Cristo pagou o preço pelos pecados do homem. Porque é que este pagamento não liberta o penitente de toda a condenação da lei imediatamente depois de ele o confessar e ser limpo dos seus pecados?

Quando o Salvador toma os pecados de um indivíduo, toma esses pecados em verdade de modo a permitir à pessoa a opção de os retomar para si se assim o escolhesse num tempo futuro. O facto é que esse homem possui o pecado. Isto é provado pelo modo como ele trata com o pecado. Ele alimenta-o e une-se a ele como uma das suas mais queridas possessões. Se alguém ou alguma coisa tenta tirá-lo, lutará para o manter. E o próprio Cristo respeita a presença do pecado no homem, esperando até que ele de livre vontade e voluntariamente desista dele. Apenas então Cristo o tomará e o colocará no santuário. Depois disso, permite ao povo a liberdade de receber o primeiro selo parcialmente e apenas por algum tempo se isso é o que ele eventualmente decide fazer.

O facto que uma pessoa pode ser perdoada, e mais tarde receber todos os seus primeiros pecados novamente, é mostrado na parábola do credor incompassivo, que se encontra em *Mateus* 18:23-35.

“Por isso o reino dos céus pode comparar-se a um certo rei que quis fazer contas com os seus servos.

“E, começando a fazer contas, foi-lhe apresentado um que lhe devia dez mil talentos;

“E, não tendo ele com que pagar, o seu senhor mandou que ele, e sua mulher e seus filhos fossem vendidos, com tudo quanto tinha, para que a dívida se lhe pagasse.

“Então aquele servo, prostrando-se, o reverenciava, dizendo: ‘Senhor, sê generoso para comigo, e tudo te pagarei.’

“Então o senhor daquele servo, movido de íntima compaixão, soltou-o, e perdoou-lhe a dívida.

“Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos, que lhe devia cem dinheiros, e, lançando mão dele, sufocava-o, dizendo: ‘Paga-me o que me deves.’



Tão completamente perdoou o rei ao servo que o defraudou, que ele ficou como se nunca tivesse qualquer dívida. Mas isto não o selou para que não pudesse ser punido pelo seu pecado.

Quando ele não perdoou como havia sido perdoado, o débito foi de novo colocado na sua conta, tão completamente como se nunca tivesse sido perdoado.

Assim, nos trata Deus. Somente quando recebermos o segundo selo estaremos eternamente seguros.

“Então o seu companheiro, prostrando-se a seus pés, rogava-lhe, dizendo: ‘Sê generoso para comigo, e tudo te pagarei.’

“Ele, porém, não quis, antes foi encerrá-lo na prisão, até que pagasse a dívida.

“Vendo pois os seus conservos o que acontecia, contristaram-se muito, e foram declarar ao seu senhor tudo o que se passara.

“Então o seu senhor, chamando-o à sua presença, disse-lhe: ‘Servo malvado, perdoei-te, toda aquela dívida, porque me suplicaste.

“‘Não devias tu igualmente ter compaixão do teu companheiro, como eu também tive misericórdia de ti?’

“E, indignado, o seu senhor o entregou aos atormentadores, até que pagasse tudo o que devia.

“Assim vos fará também meu Pai celestial, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas.”

Esta parábola mostra que, mesmo que uma pessoa esteja perdoada em qualquer ponto da sua vida, se falhar em manter e desenvolver sua experiência cristã, verá então todo o seu débito voltar para si como se nunca o tivesse pago. Enquanto a parábola diz que era um espírito não perdoador que causava o regresso da dívida do homem, não cometei o erro de pensar que este é o único pecado que causa a volta das dívidas anteriores. Qualquer pecado acariciado trará os mesmos resultados, pois se quebrais um mandamento de Deus, então quebrareis todos eles como diz em *Tiago 2:10*, “Porque qualquer que guardar toda a lei, e tropeçar em um só ponto, tornou-se culpado de todos”.

Mais comentários acerca desta parábola encontram-se em *Parábolas de Jesus*, 251. “É verdade que pode uma vez haver sido perdoado; porém, seu espírito impiedoso mostra que agora rejeita o amor perdoador de Deus. Está separado de Deus e na mesma condição em que estava antes de ser perdoado. *Desmentiu seu arrependimento*, e os pecados sobre ele estão como se não se tivesse arrependido.”

Capítulo 4

O Anjo do Selamento

“E depois destas coisas vi quatro anjos que estavam sobre os quatro cantos da Terra, retendo os quatro ventos da Terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem contra árvore alguma.

“E vi outro anjo subir da banda do sol nascente, e que tinha o selo do Deus vivo; e clamou com grande voz aos quatro anjos, a quem fora dado o poder de danificar a terra e o mar,

“Dizendo: ‘Não danifiquéis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos assinalado nas suas testas os servos do nosso Deus.’

“E ouvi o número dos assinalados, e eram cento e quarenta e quatro mil assinalados, de todas as tribos dos filhos de Israel.” *Apocalipse 7:1-4.*

Destes versículos aprendemos que o abandono da Terra e dos ímpios ao cataclismo destruidor, apenas toma lugar quando os cento e quarenta e quatro mil estão assinalados. Esta é a verdade, mas infelizmente, conclusões erradas foram tiradas disto.

O problema levanta-se duma falsa compreensão do testemunho em *O Grande Conflito*, 637, que diz, “... o sábado do quarto mandamento é o selo do Deus vivo”. A conclusão que se tira deste testemunho é que o selo dos cento e quarenta e quatro mil não podia tomar lugar antes de 1844, porque foi por volta deste tempo que a verdade do sábado como sétimo dia do sábado começou a ser reavivada.

O argumento até aqui é verdadeiro, pois os cento e quarenta e quatro mil serão completos na verdade. Eles certamente compreenderão que o sétimo dia é o sábado de Deus, e guardá-lo-ão fielmente apesar da enorme pressão do mundo para o deixar em favor da observância do domingo.

Mas a segunda fase do argumento não é verdadeira quando a conclusão que se tira é que desde 1844 quem compreendeu e aceitou que o sétimo dia é o sábado, tem o selo do Deus vivo e será membro dos cento e quarenta e quatro mil.

Há um sentido mais profundo que este a respeito do sábado como selo do Deus vivo. Ele ignora o facto que há uma diferença de vida e morte entre ser um guardador do sábado e um observador do sétimo dia. Este ponto é tornado muito claro no testemunho seguinte.

“Nenhuma outra das instituições dadas aos judeus tendia a distingui-los tão completamente das nações circunvizinhas, como o sábado. Era intenção do Senhor que sua observância os designasse como adoradores Seus. Seria um sinal de sua separação da idolatria, e ligação com o verdadeiro Deus. Mas a fim de santificar o sábado, *os homens precisam ser eles próprios santos*. Devem, pela fé, tornar-se participantes da justiça de Cristo. Quando foi dado a Israel o mandamento: ‘Lembra-te do dia do sábado, para o santificar,’ o Senhor lhes disse também: ‘E ser-Me-eis homens santos.’ Só assim poderia o sábado distinguir Israel como os adoradores de Deus.” *O Desejado de Todas as Nações*, 262.

Quando este princípio for compreendido, será visto que qualquer pode ser observador do sábado, enquanto que apenas um verdadeiro cristão renascido pode ser um

verdadeiro guardador do sábado. Aquele que tem no seu coração a pura e santa vida de Cristo está selado com o selo do sábado. Tem dentro de si o espírito do verdadeiro guardador do sábado ainda que possa observar o primeiro dia da semana.

Em termos práticos, o selo é uma provisão pela qual a alma está protegida da invasão da corrupção espiritual, e a justiça interior está impedida de sair. Isto é apenas realizado pelo poder de Deus. Porque é então chamado o selo do sábado? Porque o sábado de Deus encontra-se em toda a parte em que o selo do poder de Deus é encontrado, mas em mais lado nenhum. Para uma apresentação detalhada desta verdade, ver *Vivendo Justamente e o sábado de Deus*, que pode ser adquirido na Casa Publicadora da Igreja do Repouso do Sábado.

Assim os homens e mulheres santos que viveram e serviram ao Senhor antes de 1844 mas que acreditavam que o domingo era o sábado, foram selados com o selo do sábado tão verdadeiramente como aqueles que vieram depois de 1844. Portanto, o selo do sábado não começou pouco depois de 1844, mas com o ministério da salvação que começou assim que houve um pecador necessitado de redenção.

Para apreciar totalmente este facto, é necessário ser compreendido que há uma diferença entre o dia de sábado e o princípio do sábado. O dia de sábado é um período de vinte e quatro horas na semana. O sábado como princípio está no coração e nas vidas sete dias na semana. Tal como aprendemos anteriormente, a Inspiração por vezes usa a mesma palavra para descrever duas coisas que são semelhantes, mas na realidade são bem diferentes. A simples palavra sábado é algumas vezes utilizada para significar o dia e outras vezes o princípio. Por exemplo, quando diz que o sábado é o selo de Deus, está na verdade a dizer que o princípio do sábado é o selo de Deus. O que é então o dia de sábado? É o símbolo ou sinal do princípio designado por Deus. Há circunstâncias em que é possível ter o princípio sem ter o dia. Este era o caso de grande parte do povo de Deus durante a Idade Média. O dia de sábado era pouco conhecido e não era definitivamente um assunto da igreja. Mas Deus era ainda capaz de fazer a Sua obra de selamento em muitas pessoas durante esse tempo. Se bem que ainda houvesse muita luz a ser revelada, havia aqueles que, pela graça de Deus e seu próprio esforço diligente, eram capazes de viver perfeitamente toda a luz que tinham.

Antes de ir mais longe, devíamos estabelecer o que é o princípio do sábado. Isto já foi extensivamente tratado no livro *Entrando no Repouso do Sábado de Deus*, que pode ser adquirido na Casa Publicadora da Igreja do Repouso do Sábado. Mas resumidamente o princípio do sábado é este: viver de toda a palavra que sai da boca de Deus. Isto envolve um reconhecimento de Deus como a Fonte de todas as coisas, tanto materiais como espirituais, Cristo como Ligação, e o homem como indefeso e dependente receptor. Quando Cristo desceu da Sua posição celestial para viver como o homem deve viver, um indefeso e dependente receptor, demonstrou a Sua compreensão deste princípio quando foi tentado por Satanás no deserto. Acerca deste encontro lemos: "Porque meio venceu no conflito contra Satanás? — Pela Palavra de Deus. Unicamente pela Palavra pôde resistir à tentação. 'Está escrito,' dizia." *O Desejado de Todas as Nações*, 109. O testemunho continua aplicando este mesmo princípio à humanidade. "Toda promessa da Palavra de Deus nos pertence. 'De tudo que sai da boca de Deus' havemos de viver."



Tem havido alguns cristãos firmes ao longo da história. Contra alguns deles, tal como Daniel, nenhum pecado foi jamais registado e é possível que alguns possam ter recebido a plenitude do primeiro selo.

Todavia, antes do Senhor poder conceder o segundo selo aos fiéis que vivem até ao fim do tempo, não um aqui outro ali, mas todos os crentes em Jesus devem ter a plenitude do primeiro selo ao mesmo tempo. Uma vez que isto tenha sido realizado, seguir-se-á o julgamento dos vivos, o segundo selo, o tempo de angústia, e a segunda vinda de Cristo

Assim o primeiro selo que os cento e quarenta e quatro mil recebem é o mesmo que todos receberam desde Adão. A única diferença está no grau. Os cento e quarenta e quatro mil recebem a plenitude do primeiro selo até ao ponto em que se tornaram livres de todo o pecado, não apenas de todo o pecado conhecido.

Enquanto podem ter existido indivíduos na história que receberam a plenitude do primeiro selo enquanto vivos, nunca houve uma situação em que todos os membros vivos da igreja de Deus, em todo o mundo, tenham alcançado a perfeição imaculada que atingem aqueles que receberam a plenitude do primeiro selo. Nunca foi isto mais verdadeiro do que desde 1844. A actuação da igreja de Deus durante esse tempo nunca podia ser descrita como irrepreensível e imaculada. Seria impossível afirmar que toda a igreja entre 1844 e o tempo presente tivesse colectivamente obtido a plenitude do primeiro selo, e portanto certamente não receberam o segundo selo enquanto vivos.

O facto que os quatro anjos estão ainda segurando os quatro ventos das contendas é prova que nem a plenitude do primeiro nem o segundo selo foram recebidos pela igreja. Os anjos seguram os ventos da contenda apenas até que os cento e quarenta e quatro mil sejam selados com ambos os selos. Portanto, podemos ter bem a certeza, que, enquanto virmos a vindoura tempestade da destruição mantida sob controlo, os servos de Deus ainda não foram final e totalmente selados.

Aproxima-se rapidamente o tempo em que todo o membro vivo da igreja será os cento e quarenta e quatro mil, cada um dos membros desse grupo terá recebido a plenitude do primeiro selo e a segurança final do segundo. Apenas aqueles que ainda estão vivos nessa altura e têm ambos os selos enquanto vivos estarão numerados entre os cento e quarenta e quatro mil.

Ninguém pode ainda reivindicar este estado para si mesmo e certamente não há grupo, igreja ou movimento na história que possa afirmar que alcançou esta vitória. Mas em breve virá o tempo em que tal igreja se desenvolverá e, quando vier os anjos deixarão o seu controlo sobre a desordenada natureza, e uma tempestade de incomparável ferocidade varrerá a Terra e tudo o que estiver nela até à destruição total.

Os Santos Vivos

Em *Primeiros Escritos*, 15 aparece este testemunho “Os santos vivos, em número de 144 000, reconheceram e entenderam a voz, ao passo que os ímpios julgaram fosse um trovão ou terremoto”. O testemunho não chama a atenção em especial excepto para o facto que os santos que estão vivos nesta altura — o tempo em que o dia e a hora da vinda de Jesus são anunciados — são compostos por dois grupos, aqueles que viveram através do tempo de angústia até esta altura sem morrer, e aqueles que se levantaram na ressurreição especial. Isto verifica-se pela sequência de acontecimentos como está descrito em *O Grande Conflito*, 634, 635. Na página 634, o povo de Deus é libertado da fúria dos ímpios. Na página seguinte toma lugar a ressurreição especial. E na página 638, anunciado o dia e a hora da vinda de Cristo.

Parece por estes factos que devemos rejeitar tudo aquilo que aprendemos até agora preferindo o que estes testemunhos parecem dizer. Mas isto requereria alguma vasta explicação e deturpação da palavra de Deus e não devemos fazer isso.

Teremos que olhar de novo para o testemunho escrito em *Primeiros Escritos* e desta vez precisamos perguntar se o compreendemos ou não como Deus tencionava que ele fosse compreendido. Deus não se contradiz a Si mesmo. É a nossa má compreensão que causa as contradições.

Apenas estamos seguros quando deixamos Deus desfazer o problema, e Ele fez isto providenciando a Sua própria definição da expressão, “santos vivos”. Nós temos naturalmente a tendência para definir esta expressão como significando *todos* os que estão vivos nessa altura. Deus define a expressão de modo diferente.

No tempo apontado em *Primeiros Escritos*, 15, há dois grupos de santos que estão vivos. Mas há no conjunto três grupos mostrados durante o tempo de angústia. Consistem naqueles que viveram através do tempo de angústia sem morrer, aqueles que ressuscitaram na primeira ressurreição especial e aqueles que são ressuscitados em segundo lugar na última ressurreição geral. Estes três grupos são analisados em *Primeiros Escritos*, 285, 287.

Depois de estabelecer que há três grupos de santos que estão vivos e esperam ascender e estar com o seu Senhor aparece o seguinte testemunho. “Os santos vivos são transformados em um momento, num abrir e fechar de olhos, e arrebatados com os ressuscitados; e juntos encontrarão seu Senhor nos ares.” *Primeiros Escritos*, 287. Os três grupos estão vivos quando lemos este testemunho. Então quem são os santos vivos e quem são os ressuscitados de acordo com o modo de pensar de Deus? Deus não despreverá os três grupos como os santos vivos. Se Ele o fizesse, então quem seriam os ressuscitados?

Neste ponto, devemos recordar o conselho dado em *Isaias* 55:8, 9, que diz, “‘Porque os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os Meus caminhos’, diz o Senhor.

“‘Porque, assim como os céus são mais altos do que a Terra, assim os Meus caminhos, e os Meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos’”.

De acordo com o modo de pensar do homem, aqueles que vêm da ressurreição geral seriam descritos tanto como santos vivos como santos ressuscitados. Do mesmo modo, aqueles que vêm da ressurreição especial também seriam descritos como vivos e ressuscitados. Mas os caminhos de Deus não são os caminhos do homem, e as Suas descrições e definições são diferentes das do homem.

Para ser consistente com toda a informação considerada até agora, teríamos que incluir que Deus descreve aqueles que vieram da ressurreição geral como “santos ressuscitados”. Do mesmo modo, aqueles que vêm da ressurreição especial teriam que ser chamados “santos ressuscitados”. E apenas aqueles que nunca morreram podiam ser chamados “Os santos vivos, em número de 144 000...” *Primeiros Escritos*, 15.

Capítulo 5

Um Número Literal ou Simbólico

Quando são lidos testemunhos ou versículos acerca dos 144 000, é fácil ficar com a impressão que existirão exactamente esses tantos indivíduos neste grupo especial do povo de Deus. Aparentemente esta parece ser uma conclusão correcta e natural. Contudo, mais profunda investigação revelará que este número não deve ser entendido como sendo uma soma numérica, mas um símbolo.

Do modo como as referências estão redigidas parecem dar ênfase à ideia de quantidade em vez de simbolismo. Por exemplo, em *Apocalipse 7:4*, diz: “E ouvi o número dos assinalados, e eram cento e quarenta e quatro mil....” E em *Primeiros Escritos*, 15, lemos: “Os santos vivos, em número de 144 000....”

Nestas referências é o uso da palavra número, que dá a ideia de quantidade. Contudo, esta conclusão, que parece a princípio ser razoável e apoiada pela inspiração, põe um problema que vamos agora considerar.

As dez virgens na parábola de *Mateus 25* representam duas classes de professos cristãos, vivem nos últimos dias precisamente até ao fim da provação. (Esta evidência será dada a seguir.) A parábola testemunha que cinco eram prudentes e cinco loucas. As cinco virgens prudentes são um símbolo daqueles que com sucesso passarão o grande teste final, receberão o segundo selo, e tornar-se-ão os cento e quarenta e quatro mil. Agora baseados na consideração numérica, isto seria uma contradição impossível. O último grupo do povo de Deus não pode consistir em cento e quarenta e quatro mil indivíduos e ao mesmo tempo em cinco. Contudo, a Bíblia dá estes dois números diferentes para o mesmo grupo de pessoas. A única conclusão é que os números devem ser números de designação ou modelo e simbólicos em significado.

Primeiramente, vamos citar *Mateus 25:1-13*, de modo que possamos obter uma mais clara ilustração da parábola.

“Então o reino dos Céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do esposo.

“E cinco delas eram prudentes, e cinco loucas.

“As loucas, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo.

“Mas as prudentes levaram azeite em suas vasilhas com as suas lâmpadas.

“E, tardando o esposo, tosquenejaram todas, e adormeceram,

“Mas à meia-noite ouviu-se um clamor: ‘Aí vem o esposo, saí-lhe ao encontro.’

“Então todas aquelas virgens se levantaram, e prepararam as suas lâmpadas.

“E as loucas disseram às prudentes: ‘Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se apagam.’

“Mas as prudentes responderam, dizendo: ‘Não seja caso que nos falte a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai-o para vós.’

“E, tendo elas ido comprá-lo, chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta.

“E depois chegaram também as outras virgens, dizendo: ‘Senhor, senhor, abrenos.’

“E ele, respondendo, disse: ‘Em verdade vos digo que vos não conheço.

“Vigiai pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do homem há-de vir.” *Mateus 25:1-13.*

No livro, *Parábolas de Jesus*, 406, 412, há uma confirmação que as dez virgens representam a igreja de Deus exactamente antes do regresso de Cristo. “Quando Cristo, sentado, contemplava o grupo que aguardava o esposo, contou aos discípulos a história das dez virgens, ilustrando, pela experiência delas, a da igreja que viveria justamente antes de Sua segunda vinda.

“Os dois grupos de vigias representam as duas classes que professam estar à espera de seu Senhor....

“Numa crise é que o carácter é revelado. Quando a voz ardorosa proclamou à meia-noite: ‘Aí vem o esposo, saí-Lhe ao encontro,” e as virgens adormecidas ergueram-se de sua sonolência, foi visto quem fizera a preparação para o evento. Ambos os grupos foram tomados de surpresa; porém, um estava preparado para a emergência, e o outro não. Assim agora uma calamidade repentina e imprevista, alguma coisa que põe a alma face a face com a morte, mostrará se há fé real nas promessas de Deus. Mostrará se a alma é sustida pela graça. A grande prova final virá no fim do tempo da graça, quando será tarde demais para se suprirem as necessidades da alma.

“As dez virgens estão esperando na noite da história deste mundo. Todas dizem ser cristãs. Todas têm uma vocação, um nome, uma lâmpada, e todas pretendem fazer a obra de Deus. Todas aguardam, aparentemente, a volta de Cristo. Cinco, porém, estão desprevenidas. Cinco serão encontradas surpreendidas, aterrorizadas, fora do recinto do banquete.”

Por este testemunho podemos ver que as virgens vivem exactamente antes do regresso de Cristo. A duração deste período de tempo não é declarado. Mas a experiência das virgens está claramente relacionada com “... A grande prova final” que “virá no fim do tempo da graça...”. Todas as dez virgens enfrentarão a prova final. Mas apenas cinco passarão. As outras cinco falharão. Aquelas que passam receberão o segundo selo e então se tornarão os cento e quarenta e quatro mil.

Maior evidência que a parábola das dez virgens se aplica ao povo de Deus no fim do tempo da graça encontra-se em *O Grande Conflito*, 427.

“Quando a obra de investigação se encerrar, examinados e decididos os casos dos que em todos os séculos professaram ser seguidores de Cristo, então, e somente então, se encerrará o tempo da graça, fechando-se a porta da misericórdia. Assim, esta breve sentença — ‘As que estavam preparadas entraram com Ele para as bodas, e fechou-se a porta’ — nos conduz através do ministério final do Salvador, ao tempo em que se completará a grande obra para salvação do homem.”

Destes dois testemunhos é claro que as cinco virgens prudentes representam a igreja de Deus depois da porta da graça fechar. Uma vez que os cento e quarenta e quatro mil também representam a igreja de Deus nessa mesma altura, então estes números não podem ser tomados como significando quantidade. Devem ser números designados com um significado simbólico. Tal como, por exemplo, aos carros é muitas vezes dado números de modelo ou designação, assim é com este grupo do povo de Deus na Terra. E tal como o número do modelo do automóvel não indica a quantidade produzida desse modelo em particular, assim o número desse povo também não indica uma quantidade.

Pelo menos um significado simbólico para os cento e quarenta e quatro mil está no facto que é formado por doze partes iguais, cada parte designada pelo número doze mil. Ver *Apocalipse* 7:5-8. A ideia de igualdade vem também do facto de haver um número igual de virgens prudentes e loucas.

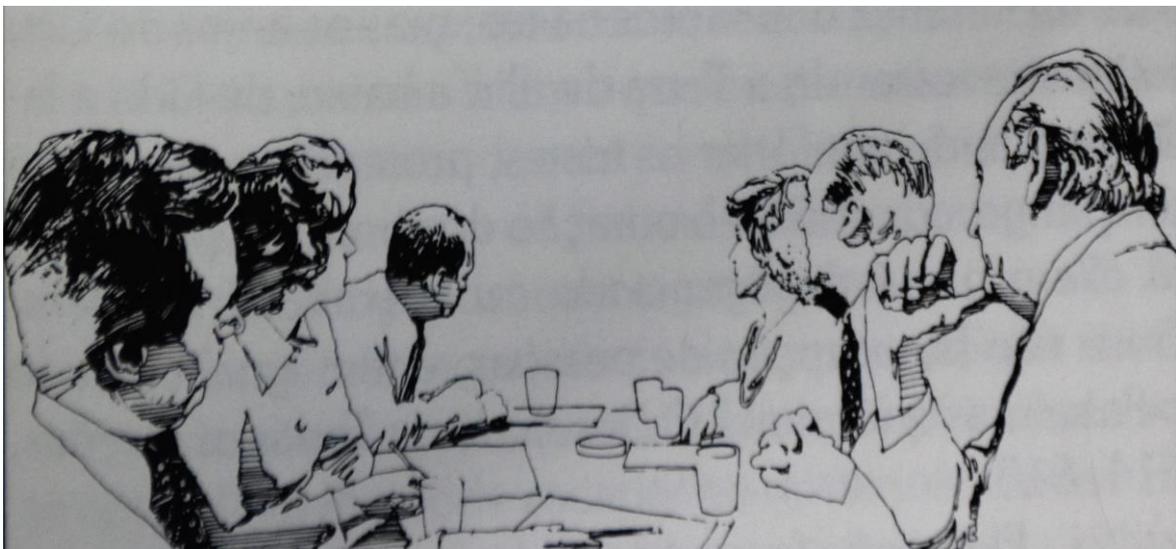
Considerai os factos

$$144.000 = 5$$

e

$$5 = 144.000$$

Portanto eles são números simbólicos



Contudo, antes de debater o assunto da igualdade dos membros do grupo dos cento e quarenta e quatro mil, precisamos primeiramente olhar para o princípio de igualdade como ele se aplica ao homem na generalidade. Depois de estabelecer algumas ideias básicas, podemos olhar mais de perto os cento e quarenta e quatro mil em particular.

Antes de mais podíamos começar fazendo a pergunta. Em que sentido são todos os homens iguais? Há inegavelmente desigualdades entre os homens, e Deus não nos diz que tenciona impor uma igualdade nessas áreas. Por exemplo, Deus não diz que todas as pessoas são iguais em termos de talento. A parábola dos talentos ensina claramente que alguns têm mais talentos naturais do que outros. Enquanto os talentos das pessoas podem aumentar ou diminuir, não nascemos todos iguais no que respeita a talentos e não há razão para acreditar que vamos acabar dessa maneira. Mesmo os anjos no Céu têm variados graus de talento e parece que sempre será assim.

Há também uma desigualdade em termos de oportunidade para crescer e desenvolver tanto intelectual como espiritualmente. Isto é tornado claro simplesmente observando os cristãos das diferentes épocas da história da igreja. Aqueles cristãos fiéis que viveram durante a Idade Média não tiveram a mesma oportunidade para avançar como outras gerações tiveram. E nem todas as gerações tiveram a mesma oportunidade para acabar a obra do evangelho na Terra. Teve que haver um tempo de espera até que Deus pudesse encontrar um povo que executasse a Sua vontade pelos Seus métodos.

Mas há uma igualdade em termos do amor de Deus. Ele ama todas as pessoas com o mesmo amor imparcial e compaixão. Ele não favorece arbitrariamente uma pessoa acima de outra. Este pensamento verifica-se nos seguintes testemunhos.

“Cristo veio à Terra com uma mensagem de misericórdia e perdão. Lançou um fundamento para uma religião para a qual judeus e gentios, negros e brancos, livres e escravos, estão ligados numa irmandade comum, conhecida como igual à vista de Deus. O Salvador tem um amor ilimitado por todo o ser humano.” *Testimonies* 7:225.

“Os anjos celestiais são enviados para servir os que hão de herdar a salvação. Não sabemos agora quem são eles; ainda não é manifesto quem vencerá e participará da herança dos santos na luz; mas os anjos do Céu estão atravessando a Terra de alto a baixo, de lado a lado, buscando confortar os tristes, proteger os que estão em perigo, conquistar o coração dos homens para Cristo. *Nem um é negligenciado ou deixado à margem*. Deus não faz acepção de pessoas, e tem igual cuidado pelas almas que criou.” *O Desejado de Todas as Nações*, 614, 615.

“... Deus não faz acepção de pessoas;

“Mas que em toda a nação aquele que O teme, e obra o que é justo, esse Lhe é aceite.” *Actos* 10:34, 35. (Figueiredo).

Adicionando ao imparcial interesse de Deus pelo bem estar de cada um, Seu amor, tal como está expresso no evangelho, torna possível ao povo ter uma igual oportunidade para obter salvação do pecado e um lugar no reino dos Céus. Ninguém pode dizer que, por ser mais pecador do que outros, tem portanto menos oportunidade de ser salvo dos seus pecados. Na área da vitória pessoal sobre o pecado, o evangelho é um compensador. O facto é apresentado em *Romanos* 5:20, onde diz: “... Mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça.” Embora seja verdade que alguns transportam um fardo de pecado maior do que outros, o evangelho iguala estas situações adicionando mais poder vencedor àqueles que têm maior necessidade.

A história do demónio ilustra melhor o ponto que há alguns mais pecadores do que outros e que o poder salvador de Deus é concedido em maior quantidade à medida que a pecaminosidade do homem aumenta. Vamos ver a história citada de *A Ciência do Bom Viver*, 91, 92. “Multidões existem hoje tão verdadeiramente sob o po-

der dos maus espíritos como estava o endemoninhado de Capernaum. Todos aqueles que voluntariamente se apartam dos mandamentos de Deus, estão-se colocando sob o domínio de Satanás. Muito homem brinca com o mal. Julgando que o pode deixar quando lhe aprouver; mas é engodado mais e mais, até que se encontra dominado por uma vontade mais forte que a sua própria. Não lhe pode escapar ao misterioso poder. Pecado secreto ou paixão dominante o pode reter cativo, tão impotente como se achava o endemoninhado de Capernaum.

“Todavia sua condição não é desesperadora. Deus não domina nossa mente sem nosso consentimento; mas todo o homem é livre para escolher o poder que deseja domine sobre ele. *Ninguém caiu tão baixo, ninguém há tão vil, que não possa encontrar libertação em Cristo.*” Esta é uma maravilhosa descrição do amor de Deus. Não apenas dá Ele graça àqueles que são mais pecadores, mas também o faz por aqueles que *voluntariamente* se tornaram mais pecadores.

Mas nem todas as pessoas são responsáveis pela sua particular condição pecaminosa. Os pecados dos outros muitas vezes colocam o povo em condições deploráveis. Mas mesmo para eles há uma igual oportunidade disponível para receber a aprovação do Céu.

“O ignorante, o pária, o escravo que haja aproveitado o melhor possível suas oportunidades e privilégios, se tem acariciado a luz que lhe foi dada por Deus, tem feito tudo quanto se exige. O mundo talvez lhe chame ignorante, mas Deus o considera sábio e bom, e assim o nome dele se acha registado nos livros celestes. Deus o habilitará para O honrar, não somente no Céu, mas na Terra.” *Obreiros Evangélicos*, 332.

Estas pobres pessoas podem não ter as mesmas oportunidades para desenvolver o mesmo nível de experiência que outros têm tido, e não são capazes de fazer uma grande obra, mas mesmo assim, têm uma oportunidade igual para receber vida eterna.

Vamos agora aplicar estas ideias aos cento e quarenta e quatro mil. Essas pessoas vêm das doze tribos de Israel, e cada uma dessas tribos começou com uma das doze tribos de Jacó. Esses filhos foram notados pelos vários traços de carácter que significa naturalmente que a sua semente possuiria diferentes virtudes tal como vícios. Alguns tinham um carácter mais sábio, enquanto outros transportavam um fardo de pecado e impiedade que não deve ser invejado. Isto está a dizer-nos que os cento e quarenta e quatro mil são formados de um povo com muitas combinações e traços de carácter, tanto bons como maus. Também nos diz que alguns dos membros do último povo de Deus terão um passado mais pecaminoso do que outros. Mas, o facto de um número igual ser tomado de cada uma das doze tribos é um modo de Deus nos falar acerca do poder compensador do evangelho na área de vencer o pecado. Quando chegar a altura para formar os cento e quarenta e quatro mil, ninguém poderá excluir-se por causa do seu passado particularmente pecaminoso. Quanto mais pecadora uma pessoa for, mais graça pode receber que lhe dê a mesma vitória que obteve o seu mais virtuoso irmão.



Haver um número igual de cada tribo que soma os cento e quarenta e quatro mil, assegura-nos que não importa quão perdida a nossa condição possa ser, ou quanta desvantagem possamos sentir, o evangelho é tão infinitamente poderoso que dá a todo o que aceitar as suas provisões e que estiver vivo nessa altura, uma oportunidade igual para pertencer a esse ilustre grupo.

Contudo, quando chegar o tempo para formar os cento e quarenta e quatro mil, alguns não serão capazes de se qualificarem por causa de certas desigualdades que Deus não compensa. Mas isto não significa que estão ainda a viver em pecado conhecido e não são merecedores de vida eterna. O testemunho que segue fala-nos acerca da sua situação.

“O Senhor muitas vezes me instruiu de que muitos pequeninos hão-de ser removidos antes do tempo de angústia. Havemos de ver de novo nossos filhos. Havemos

de encontrar-nos com eles e reconhecê-los nas cortes celestes.” *Mensagens Escolhidas* 1:259.

“Nem sempre, porém, é prudente suplicar cura incondicional...”

“Ele sabe se aqueles em favor de quem se fazem petições seriam capazes de suportar a aflição e a prova que sobre eles viria caso vivessem. Ele conhece o fim desde o princípio. Muitos serão levados a repousar antes que a prova de fogo do tempo de tribulação venha sobre o nosso mundo. Essa é outra razão porque deveríamos dizer no fim de nossa fervorosa petição: ‘Todavia não se faça a minha vontade mas a Tua.’ (Lucas 22:42). Tal súplica jamais será registrada no Céu como uma oração falta de fé.

“Ao apóstolo foi ordenado escrever: ‘Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os sigam.’ (Apocalipse 14:13). De acordo com isso podemos notar que nem todos devem restabelecer-se; e se não recobrem a saúde, não devem ser julgados indignos da vida eterna.” *Conselhos sobre Saúde*, 375.

Assim, os que do povo de Deus morrem antes do tempo de angústia não significa necessariamente que não são merecedores de vida eterna. Mas, baseado no ponto de vista, que Deus não faz acepção de pessoas, e que Ele não é arbitrário, então deve haver certas desqualificações entre os irmãos que Deus não compensa. Por exemplo, no caso das crianças e dos mais idosos, não têm uma oportunidade igual, para desenvolver o mesmo alto nível de experiência cristã, como outros que tiveram mais tempo e mais força. Há uma desigualdade de tempo e força.

Esta situação particular está relatada na vida do ladrão na cruz. Ele ouviu a mesma mensagem de salvação que os discípulos e outros à sua volta tinham ouvido. Mas, enquanto a sua fé foi capaz de alcançar a salvação e a capacidade para sofrer morte na cruz, não teve tempo nem força para desenvolver o mesmo nível de experiência que eles tiveram. A sua vida de pecado ao culminar na cruz onde encontrou a morte prematura, tirou-lhe tanto o tempo como a força. Portanto, ele não pôde qualificar-se para receber a chuva temporã ainda que os outros vivendo à sua volta se qualificariam pouco depois da sua morte. Do mesmo modo, muitos dos que ouvem a mensagem da salvação durante o alto clamor, compreendê-la-ão e permanecerão fiéis até morrer, mas nem todos terão a mesma oportunidade de se qualificarem e se tornarem parte dos cento e quarenta e quatro mil.

Sem dúvida há outras desqualificações entre os homens que entram na ilustração e certamente há mais significado simbólico para estas pessoas a serem reveladas ainda, mas a nossa maior preocupação é a necessidade de reconhecer que os números 144 000 e 5 são antes simbólicos e descritivos em vez de numéricos.

Em Conclusão

No processo de tentar explicar a verdade espiritual seja ele o assunto apresentado aqui ou qualquer outro tópico bíblico, há sempre o perigo de se concentrar tanto em argumentos técnicos que o assunto de maior peso, dar um fim ao pecado e a introdução da justiça eterna, diminua de importância. Espera-se que este livro não apenas prove quem pode e não pode fazer parte dos cento e quarenta e quatro mil, mas também inspire cada leitor com a compreensão do nível de justiça requerido ao povo de

Deus antes de poder ser um instrumento para levar o grande conflito ao fim. Uma pessoa podia compreender correctamente todos os argumentos e ainda assim falhar em fazer parte desse último grupo do povo de Deus.

Os cento e quarenta e quatro mil são levados ao mais alto nível de cristianismo jamais alcançado por qualquer grupo de pessoas. Para eles, a justiça é um puro deleite, e o pecado a mais completa tortura. Alcançam esta condição porque não apenas receberam a semente de Cristo dentro de si depois da vida de Satanás ter sido removida, mas aprenderam a lição de esforço diligente e perseverante. Eles serão bem sucedidos onde as gerações anteriores falharam. Durante o seu desenvolvimento todo o obstáculo será visto como uma oportunidade para o crescimento; todo o fracasso, um chamamento a subir mais alto; todo o poder, um meio para abençoar; todo o sofrimento, uma oportunidade para se tornar firme. Riquezas e poder não os corromperão, pobreza e opressão não os desencorajará, até que no final e por último haverá um povo através de quem Deus pode dar um fim ao pecado e introduzir a justiça eterna. Que todos possam crer nisto, preservar em oração e acção até que compreendam as Suas bênçãos prometidas.